



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

ANDERSON LUCAS DA COSTA PEREIRA

**“MÃE MARIANA PEDE, A GENTE FAZ”
Um estudo antropológico da relação do Pai de Santo com o Altar
da Cabocla Mariana.**

**Santarém
2014**

ANDERSON LUCAS DA COSTA PEREIRA

“MÃE MARIANA PEDE, A GENTE FAZ”
Um estudo antropológico da relação do Pai de Santo com o Altar
da Cabocla Mariana.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Antropologia e Arqueologia, para
obtenção do grau de Bacharel em Antropologia;
Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de
Ciências da Sociedade.
Orientadora Dr. Lucybeth Camargo de Arruda.
Co-orientadora: Msc. Carla Ramos.

Santarém
2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFOPA

P436m Pereira, Anderson Lucas da Costa
 “Mãe Mariana pede, a gente faz”: um estudo antropológico da relação do Pai de Santo com o Altar da Cabocla Mariana / Anderson Lucas da Costa Pereira. – Santarém, 2014.
 90 f.: il.

 Contém glossário do Terreiro de Mina Santa Bárbara (Santarém, PA).
 Orientadora Lucybeth Camargo de Arruda, Co-orientadora Carla Ramos.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, Santarém, 2014.

 1. Cultos afro-brasileiros. 2. Terreiro de Mina Santa Bárbara – Santarém (PA). 3. Pará – Usos e costumes religiosos. 4. Caboclos e Encantados. 5. Religião afro-brasileira. .I. Sampaio, Lucybeth de Arruda, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 299.6098115

ANDERSON LUCAS DA COSTA PEREIRA

**“MÃE MARIANA PEDE, A GENTE FAZ”
Um estudo antropológico da relação do Pai de Santo com o Altar
da Cabocla Mariana.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Antropologia e Arqueologia, para
obtenção do grau de Bacharel em Antropologia;
Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de
Ciências da Sociedade.

Conceito:

Data de Aprovação ____/____/____

Dr. Lucybeth Camargo de Arruda – Orientador (a)
Universidade Federal do Oeste do Pará

Msc. Gabriela Prestes Carneiro
Universidade Federal do Oeste do Pará

Dr. Angela Maria Garcia
Universidade Federal do Oeste do Pará

Ao meu avô, Mestre Antonio Pereira, *in
memoriam.*

AGRADECIMENTOS

Nesses últimos quatro anos aprendi muito com as pessoas de Santarém que fazem dessa região um espaço rico das mais variadas expressões culturais. Obrigado!

Aprendi também, com as pessoas do Programa de Antropologia e Arqueologia (PAA), que arduamente fazem do curso de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) a arena dos debates e construções de saberes. Obrigado!

Entre os agradecimentos Institucionais, não poderia faltar a Ufopa, que no período de 2011 a 2014 me cedeu os caminhos na busca dos conhecimentos. Obrigado!

Agradeço o auxílio financeiro do PROEXT-MEC; PROEXT-UFOPA, FAPESPA, cujo apoio foi imprescindível. Obrigado!

Não poderia deixar de agradecer aos meus professores do PAA, com quem muito aprendi: Anne Rapp Py-Daniel, Claide de Paula Moraes, Gabriela Prestes, Luciana França, Luciana Carvalho, Florêncio Vaz, Pedro Leal, Ângela Garcia, Rubens Elias. Obrigado!

Agradeço em especial a professora Miriam Sá Leitão Barbosa e ao professor Ulysses Maciel Neto que gentilmente forneceram apoios impagáveis. Obrigado!

Agradeço a Professora Lucybeth Camargo de Arruda, que aceitou a responsabilidade de ser minha orientadora, no momento em que a professora Carla Ramos teve que ausentar-se das atividades do PAA. Obrigado!

Agradeço ao Núcleo de pesquisa e documentação das expressões Afro-religiosas no Oeste do Pará e Caribe (NPDAFRO) coordenado pela Professora, Mulher, Negra e Sonhadora Carla Ramos, que com sabedoria, alegria e muito *axé*, acreditou nos projetos desenvolvidos pelo núcleo, onde eu tive a sorte dos *orixás* e *encantados* me colocarem como seu aluno e orientando. Obrigado!

Através da professora Carla Ramos, conheci também outras pessoas especiais como a professora Alline Torres Dias da Cruz, sua pesquisa em muito me ajudou neste TCC. Obrigado!

E ao professor Alain Kaly, que sempre nos emociona com suas sábias histórias. Obrigado!

Aos meus pais Ana Pereira e Lucas Pereira, meus eternos mestres de vida, eu amo vocês. Obrigado!

Aos meus Irmãos Angelo Pereira, Andrey Pereira, Franklin Tavares, estamos juntos manos! As mulheres que reinam na minha família, Vó Ana, Tia Luiza, Lenne Pereira, Tatiane Raiol. Lindas. Obrigado!

Aos meus sobrinhos queridos Arthur, Felipe e o mais novo que chegou para somar nas traquinagens, o Antônio, com os quais tenho a felicidade de virar *erê*. Obrigado!

Agradeço a Andrea Santos, pela amizade que construímos aos longos desses anos. Obrigado!

Agradeço em especial ao Mayco Chaves, meu companheiro de todos os momentos, incansavelmente, atura minhas crises, medos, e tristezas. Esse espaço é pouco para agradecer por tudo o que fazes por mim, por enquanto digo. Obrigado!

As minhas amigas da *barca* de pesquisa Beatriz Moura, Telma Bemerguy, parceiras incríveis. Obrigado!

Meus amigos do curso de antropologia Aldo Lima, Vanessa Carvalho, Osinaldo Filho, Mazzile Tavares, Alinne Maia, Diego Alano Pinheiro e, outras agregadas do curso de Direito, Bianca Medeiros e Alcione Silva, vocês fizeram dos dias de aulas momentos inesquecíveis. Obrigado!

Aos *Pais, Mães e filhos de Santo* que fazem de Santarém a morada dos *orixás, caboclos e encantados*, reinarem nas matas, rios, praias igarapés. Obrigado!

Em especial ao *Pai de Santo*, Edivanei de Oyá, que gentilmente abriu as *portas* de sua *casa* para eu entrar no universo religioso dos *encantados*. Obrigado!

Em nome dos *encantados, juremeiros*, meu SARAIVA! À *Cabocla Mariana*, “a bela turca que aqui raiou”. Não vou falar obrigado, porque para *ela*, nada é obrigado, e como a mesma ensina, vou falar agradecido. Então a todos que aqui citei, desconsidere os obrigados! E aceitem meu sincero AGRADECIDO!

*Meu Filho, como diz Mãe Mariana, senta que
lá vem história...*

(Pai de Santo Edivanei de Oyá, Terreiro de Mina Santa
Bárbara, Santarém/PA).

RESUMO

Como são produzidas, sentidas e compreendidas as relações entre o *Pai de Santo* do Terreiro de Mina Santa Barbara com o *Altar* da sua *entidade* a *Cabocla Mariana*? Esta é a pergunta que orienta o material etnográfico deste trabalho. Acerca das manifestações religiosas Afro-brasileiras, apresento alguns resultados da análise sobre o uso e significados dos *Objetos* e *Elementos Sagrados* em um Terreiro de Umbanda localizado na Cidade de Santarém (PA). Fazendo uso da etnografia e observação participante, o estudo vem permitindo entender a conexão do *Pai de Santo* com as *forças* da *Cabocla Mariana*. A pesquisa permite compreender, que na perspectiva do sacerdote os *Objetos* localizados em espaços considerados *Sagrados* emanam *forças* que influenciam comportamentos, sentimentos e sensações, desempenhando um importante *elo* na vida social do grupo religioso.

Palavras-chave: *Altar*, Cultura material, Práticas simbólicas, Religião Afro-brasileira.

ABSTRACT

How are produced, felt and understood the relation between the *pai de santo* from Terreiro de Mina Santa Bárbara with the *Altar* of his *entidade* the *Cabocla Mariana*? This is the question that directs the ethnographic material of this research. About the afro-Brazilian religious manifestations I discuss some results and analysis about the uses and meanings of the *Objetos* and *Elementos Sagrados* in a terreiro de Umbanda located in Santarém (PA). Doing use of the ethnographic one and observation participant, the study comes permitting understand the connection of the Pai de Santo with the *forças* of the *Cabocla Mariana*. In the perspective of the priest the *Objetos* located in spaces considered *Sagrados* emanate *forças* that influence behaviors, feelings and sensations, performing an important *elo* in the social life of the religious group.

Keywords: *Altar*, *Objetos*, behaviors, Afro-brazilian religious.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Rabisco do objeto que me chamou atenção no altar.....	16
Imagem 1 - <i>Ibá da Cabocla Mariana</i> , Terreiro Santa Bárbara, Santarém, PA.....	17
Figura 2 - Primeiro convite que criei para a festa da Cabocla Mariana a pedido do Pai de Santo.....	22
Figura 3 - Outros convites pedidos pelo Pai de Santo.....	23
Imagem 2 - Cabocla Mariana, Terreiro Santa Bárbara, Santarém, PA.	30
Figura 4 - Croqui do Terreiro de Mina Santa Bárbara.....	33
Imagem 3 - Muro que cerca o terreno.....	34
Imagem 4 - Casa residencial e entrada do Terreiro aos fundos.....	34
Imagem 5 - Terreiro.....	34
Imagem 6 - Lado direito da fotografia casinha do Exu.....	34
Imagem 7 - Interior do Barracão.....	34
Imagem 8 - Cabana.....	34
Imagem 9 - Altar da Cabocla Mariana.....	35
Imagem 10 - Quartinha do Altar da D. Mariana, Terreiro Santa Bárbara, Santarém, PA.	37
Imagem 11 - <i>Ibá da Cabocla Mariana</i> , Terreiro Santa Bárbara, Santarém, PA.....	38
Imagem 12 - Filho de Santo acedendo vela e rezando em frente ao Altar.....	43
Imagem 13 - <i>Pai Edivanei de Oyá</i> incensando a entrada do <i>Barracão</i>	44
Imagem 14 - Poma Gira Maria Padilha.....	46
Imagem 15 - Filho de Santo organizando as folhas que serão usadas no ritual.....	50
Imagem 16 - Pai Edivanei escolhendo frutas no mercado.....	51
Imagem 17 - Início da alimentação do Altar.....	52
Imagem 18 - Alimentado o altar.....	53
Imagem 19 - <i>Ibá</i> à espera do alimento.....	54
Imagem 20 - Início da Gira.....	62
Imagem 21 - Cabocla Mariana Baiando.....	65
Imagem 22 - Ogãs tocando para os caboclos.....	68
Figura 5 - Ciclo das energias.....	72
Figura 6 - Sentidos do <i>Belo</i>	73
Figura 7 - Funcionalidades dos Objetos e elementos sagrados.....	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: CAMINHANDO PARA A PESQUISA	13
1.1 ENTRANDO NO CAMPO OU O CAMPO ME ENCONTRANDO?	13
1.1.1 Encontro com o Pai Edivanei de Oyá e sua trajetória	18
1.1.2 Encontro com o método	24
CAPÍTULO 2: COMPREENDENDO O <i>SAGRADO</i>: PREPARANDO A <i>FESTA</i>	28
2.1 “CABOCLA MARIANA, A PRINCESA ENCANTADA”	29
2.2 TERREIRO DE MINA SANTA BÁRBARA E SEUS ESPAÇOS	31
2.2.1 Altar da Cabocla Mariana	35
2.2.2 A transformação do objeto para o <i>Objeto Sagrado</i>	40
2.3 “ <i>LARÓYÈ</i> EXÚ!”	41
2.4 REUNIÃO DA CABOCLA MARIANA COM OS FILHOS DA CASA	47
2.5 <i>ORÔ</i> DA CABOCLA DONA MARIANA	49
2.6 A FESTA: “ <i>CABOCLA MARIANA A BELA TURCA QUE AQUI RAIU</i> ”	60
CAPÍTULO 3: “MÃE MARIANA PEDE, A GENTE FAZ”	70
MAIS PERGUNTAS QUE CONCLUSÕES	79
GLOSSÁRIO	83
REFERÊNCIAS	88

INTRODUÇÃO

“Ei! Tá doido? Eu lá quero saber essas coisas de Macumba!”. “Não tem outra coisa pra tu estudar não?”. “Eu hein! Sai fora. Essas coisas do capeta...”. Essas são algumas falas que escuto quando digo que estou fazendo uma pesquisa em um Terreiro de *Umbanda*¹ na Cidade de Santarém. Mas porque as religiões Afro-brasileiras ainda são vistas a partir de uma perspectiva exageradamente equivocada? Pois já houve tantas produções acadêmicas sobre o assunto, vastos encontros científicos e culturais nos mais variados campos de estudo, mas ainda assim, no ano de 2014 a perseguição às religiões Afro-brasileiras se apresenta muito mais violenta em várias partes do Brasil.

Talvez uma das respostas para esse problema estivesse justamente ligadas a maneira como esses trabalhos científicos construíram a imagem dessa religião: como “primitiva”, “fetichistas” e “mágicas”, num estágio inferior da evolução cultural. No entanto, as práticas vivenciadas pelo *Povo de Santo*², diferente das teorias científicas, carregam no corpo e na alma a mais bela forma de lidar com as energias da natureza. Algo que dificilmente compreenderemos.

Nas folhas seguintes deste trabalho vou apresentar parte dos resultados da pesquisa de campo que realizei pelo NPDAFRO³, tentando responder a seguinte pergunta: *Como são produzidas, sentidas e compreendidas as relações entre o Pai de santo do Terreiro⁴ de Mina Santa Barbara com o Altar da sua entidade a Cabocla Mariana?*

O Terreiro localiza-se na Travessa Morais Sarmiento, entre Borges Leal e Marechal Rondon, centro da Cidade de Santarém. Santarém é um dos municípios do Oeste do Estado do Pará, com aproximadamente 300 mil habitantes. Geograficamente está situada entre duas grandes capitais, Belém (Capital do Pará) e Manaus (Capital do Amazonas). A cidade se destaca por suas belezas naturais, produção agrícola e pela rota marítima que escoar boa parte

¹Os vocábulos em itálico constam do Glossário

² Ao longo desse trabalho farei uso de alguns sinais gráficos para diferenciar os significados, as ênfases, e os diferentes contextos em que termos e expressões foram utilizados por mim, pelos meus interlocutores, e os autores citados. Termos e expressões utilizados pelos meus interlocutores aparecerão em itálico. Aspas duplas identificarão as citações e termos utilizados pela bibliografia. Utilizarei colchetes quando for grifos meus e parênteses quando for necessário de tradução ou ênfases explicativas.

³ Falarei mais sobre o Núcleo de Pesquisa e Documentação das expressões afro-religiosas no Oeste do Pará e Caribe (NPDAFRO) no primeiro capítulo.

⁴ Apesar do Terreiro de mina Santa Bárbara, apresentar a palavra “terreiro” em seu nome, o *pai de santo* e os *filho de santo* referem-se ao espaço geralmente por *Casa*, o termo terreiro seria para identificar o Candomblé. Mas, uso o termo terreiro como categoria analítica, conceito epistemológico historicamente debatido pelos autores clássicos da antropologia afro-brasileira, como por exemplo, Roger Bastide (1974/2011), na obra o Candomblé da Bahia. Em minha pesquisa toda vez que utilizar esse termo será para uso de análise.

da produção do agronegócio produzida na região. E mais um detalhe, o NPDAFRO já mapeou mais de 20 *terreiros/casas* que vivenciam a religião Afro-brasileira nesta Cidade. Assim, para efeitos deste trabalho prefiro a descrição sobre a Cidade de Santarém nas palavras do *Ogã* Zenildo de Xangô.

Eu costumo dizer que Santarém é uma cidade abençoada pelos orixás. Nós estamos na casa de Ossaim, no berço da floresta, que é o pai da medicina. Nós estamos na casa de Oxóssi, que é o Deus da Caça, o Orixá da fartura. Tem dois rios maravilhosos banhando Santarém [rio Tapajós e Amazonas] que são casas de Oxum. E dizem que Santarém é uma perola, e pérola se encontra no mar, a casa de Iemanjá. Então nós estamos totalmente ligados aos nossos orixás. Santarém é conhecida como a Cidade que tem muito ouro, que tem muita riqueza, e ouro é um elemento de Oxum. Temos pedreiras aqui perto, a casa de Xangô, meu Pai! Então não há o que se discutir. Santarém é uma cidade religiosamente abençoada [...]. E estradas e mais estradas, que é a casa de Exu, caminhos de Ogum. É uma Cidade abençoada. (ANASTÁCIO; MOREIRA, 2014, p. 25).

O *Pai de Santo* Edivanei de Oyá reitera falando que, “Santarém além de morada dos Orixás é também casa dos *encantados*, dos *caboclos*, dos *tuxauas*, da minha *Mãe Mariana*, que veio das águas e que reina nos nossos rios e igarapés. Terra dos *juremeiros*, que antes de tudo, aqui já estavam”. (Pai Edivanei, palestrando na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), 2014).

Nesse cenário, a partir do trabalho de campo realizado no Terreiro, procurei compreender um pouco mais esse universo religioso. Tentei verificar através da exegese dos membros do grupo, quais os sentidos de certos rituais, o papel do *Altar* e de seus *objetos* cultuados, que por serem percebidos como *sagrados*, influenciam nos comportamentos e nas relações sociais dos religiosos.

No primeiro capítulo, apresento um pouco do início da minha trajetória acadêmica, a entrada em campo e os vários encontros que me levaram aos estudos Afro-religiosos em Santarém e o meu interesse por pesquisar o Terreiro de Mina Santa Bárbara. No segundo capítulo, analiso alguns sentidos de rituais praticados pelos religiosos, significados da organização do *Altar* da *Cabocla Mariana* e dos preparativos da *festa* em sua homenagem.

No último capítulo exponho uma interpretação para compreender as noções que constituem os sentidos do *sagrado* e das relações tecidas pelo grupo nesse universo. De maneira bem sucinta, indico quatro noções: *Energia Vital*, *os sentidos do Belo*, *a função dos objetos* e *elementos sagrados*, e *os sentidos dos sentimentos* e *sensações* expressados por aqueles que vivenciam a religião no Terreiro. Finalizo a pesquisa com algumas considerações a respeito deste estudo, e logo após, apresento o Glossário, necessário para a compreensão da linguagem litúrgica utilizada pelo *Povo de Santo*.

CAPÍTULO 1: CAMINHANDO PARA A PESQUISA



Fonte: Autor (2014).

*Quebre as correntes vamos trabalhar
Para vê a força que o banzeiro dá.*

(toque para *Caboclo*, Terreiro de Mina Santa Bárbara).

Nos tópicos desse primeiro capítulo apresentarei um pouco do início da minha trajetória acadêmica. Acredito que estas informações servirão como aporte para o entendimento da minha entrada em campo e os vários encontros que me levaram aos estudos Afro-religiosos. Chamo de encontros, justamente, por serem encontros, uns agendados e vários ocasionais, como por exemplo: o encontro com a minha orientadora que me levou ao encontro com as temáticas Afro-religiosas em Santarém, que marcou um encontro com os métodos de pesquisa, que me fez encontrar meu interlocutor. Meu interlocutor fez-me perdido ao encontrar o universo encantado da *Cabocla Mariana*. E como resultado, me restou o desafio de encontrar as palavras para falar desses encontros.

1.1 ENTRANDO NO CAMPO OU O CAMPO ME ENCONTRANDO?

Começo me apresentando, acredito que falando um pouco dessa incipiente trajetória percorrida, ajudará a definir, em parte, o que me levou ao encontro com o campo em estudo, ou pelo menos, dizer como fui sendo inserido nesse contexto.

Sou de Belém do Pará, lugar onde fiz a minha primeira graduação⁵, nesse curso fui bolsista com uma intensa participação em estudos e projetos que ligavam as concepções da Administração às práticas de “desenvolvimento” “humano” e “social”, algo que naquele momento ou talvez ainda hoje não soubesse explicar muito bem. Nessas pesquisas a temática central era a “criança” no contexto do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA).

Foi então que no ano da conclusão do curso, meu orientador me propôs o desafio de produzir meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a partir de um estudo de caso. Ele me apresentou como *locus* a comunidade cristã *Ieshuá*⁶, localizada na periferia da cidade de Belém. O desafio era tentar desenvolver um estudo da Administração, mas a partir dos entendimentos antropológicos, já que ele nesse período estava terminando seu doutorado em Antropologia Social, resolveu também influenciar minha pesquisa. Aceitei o desafio e as consequências de tentar desenvolver um trabalho de Administração, mas todo pensado à “luz da Antropologia” (palavras do meu professor), assim tive como produto final desse estudo o TCC: “A Importância das estratégias do Marketing Social para o desenvolvimento das ações empreendedoras da Associação Cristã Ieshuá no período de 2009 a 2010” (PEREIRA; ROLIM, 2010).

Hoje, sou ciente que meu trabalho não estava conectado ao estudo sistemático do campo antropológico, mas o que considero como positivo, foram as conversas que o professor e eu tínhamos, principalmente quando ele me relatava sobre o seu campo de pesquisa, comentava sobre o seu trabalho etnográfico na cidade em que realizava sua pesquisa e curiosidades do campo. Eu ficava curioso em saber o que fazia o antropólogo e ouvia atento seus comentários sobre os autores considerados clássicos da Antropologia e suas etnografias. Esses diálogos com o meu professor, no entanto, acabaram me conduzindo para outra área de estudos que considero fascinante: A Antropologia.

Em 2011, por várias circunstâncias, medos, dúvidas e conflitos de um recém-formado, mudei-me para a Cidade de Santarém, ano em que Universidade da região, a Ufopa, para minha felicidade, passou a ofertar o curso de graduação em Antropologia. Resolvi iniciar mais um curso de graduação, agora na área pela qual eu me deslumbrava.

Iniciando o curso, nas aulas e conversas, sempre surgia o assunto etnografia. Imaginava, pois, o que deveria ser essa atividade, pensava ser algo parecido com a pesquisa de estudo de caso, pois enquanto graduando em Administração, meus professores sempre

⁵ Bacharelado em Administração pelo Centro Universitário do Pará (CESUPA) (2007-2010).

⁶ Segundo as explicações do coordenador dessa Associação, *Ieshuá* deriva do hebraico, que pode significar salvação ou salvador. Então para o coordenador o nome *Ieshuá* foi associado a Jesus, o salvador (PEREIRA, 2010).

solicitavam a turma que fizesse uma atividade de pesquisa sobre alguma instituição, por meio de uma entrevista com um número “x” de sujeitos, de determinada faixa etária. Pensava, então, que o fazer etnográfico e o estudo de caso tinham em comum o uso da entrevista como coleta de dados. Mas com as leituras no curso, fui percebendo a complexidade do fazer antropológico.

No início do ano de 2012, candidatei-me como bolsista do Programa de Extensão Mapeamento das Casas/Terreiros de religiões de matriz Afro e/ou Ameríndia na cidade de Santarém/PA-Ufopa⁷, coordenado pela professora antropóloga Carla Ramos. Fui selecionado e deste então comecei a participar das reuniões do projeto e ter mais familiaridade com a temática Afro-religiosa.

Depois de dois meses no programa, debatendo e lendo obras sobre a temática, tive a minha primeira ida em campo, visitei um terreiro de Umbanda que neste dia estava em festa, em homenagem a uma *entidade* desta *Casa*. Eu estava bastante empolgado nesse dia e para fazer uso dos aprendizados comecei a seguir as etapas de produção do saber antropológico segundo Roberto Cardoso de Oliveira (2006) “olhar, ouvir e escrever”.

Comecei a observar e escrever tudo o que acreditava ser importante para a pesquisa, quantas pessoas haviam na *Casa*, quem eram as supostas autoridades, as músicas cantadas, a comida e a bebida servida para as *entidades*, as cores das roupas usadas, até o cheiro do ambiente, eu anotei. No entanto, eu não estava entendendo absolutamente nada do que estava acontecendo naquele espaço, encontrava-me totalmente perdido naquele universo.

Em certo momento do *festejo*, resolvi andar pelo terreiro e parei em frente a um “aglomerado” de objetos e apetrechos, estatuetas de todos os tamanhos e cores que identifiquei como *altar*, mas entre aos múltiplos objetos que estavam compondo aquele local, um me chamou a atenção, que no meu olhar ainda nublado pelas informações visuais que estavam me confundido, aquele objeto me pareceu ser a peça centralizadora naquele local. Considerando importante resolvi rabiscar no meu caderno de campo a figura do objeto.

Eu não sabia do que se tratava e depois de alguns dias passados a esta festa, em uma das reuniões com a coordenadora do programa resolvi mostrar meu rascunho (Figura 1). Ela me falou que aquela figura rementia a *entidade* daquele terreiro. Fiquei curioso em saber mais sobre aquele objeto e me propus a estudá-lo.

⁷ Ligado ao NPDAFRO, este projeto fomenta a produção acadêmica e o debate plural, inter-religioso, político e aberto a comunidade acerca do lugar ocupado pelas religiões de matriz Afro-brasileira tanto na tradição dos estudos das ciências sociais, como também na própria memória social legada pela diáspora africana à região do Baixo Amazonas.

Figura1- rabisco do objeto que me chamou atenção no altar.



Fonte: Autor (2012). (caderno de campo)

Passei então a visitar as *casas* mapeadas pelo projeto e sempre guiava o meu olhar para os objetos presentes nesses espaços, em especial os *altares*. O meu interesse surgiu primeiramente em olhar esses “objetos⁸” dos terreiros na perspectiva da “arte”. Minha intenção foi a de tentar mostrar um ponto de vista conceitual de “arte” que fosse distanciada da visão apenas estética e exótica desses “artefatos”. No entanto, não consegui perceber no campo a presença dessa categoria. Os *Objetos* observados por mim na perspectiva da “arte” não correspondiam aos significados inerentes à prática da religião.

No mês de abril de 2012, fui assistir uma festa de *caboclo* no Terreiro de Mina Santa Bárbara, do *Pai de Santo* Edivanei de Oyá, para a *Cabocla Mariana*. A *casa* estava cheia de convidados e *filhos de santo*. No *altar* desse terreiro havia muitas imagens de *entidades* que até então eram estranhas para mim. Os sacerdotes⁹ estavam paramentados; o lugar estava tomado pelo estrondo dos tambores, dos cânticos e o povo dançava e rodava no centro do salão.

Depois de muito dançar e cantar, a *Cabocla Mariana* cumprimentou todos os presentes e em seguida dirigiu-se para o local onde estava seu *Altar*, em frente a este, *ela*

⁸ Coloquei a palavra entre aspas por começar a compreender o termo usado no campo, que posteriormente tiro a palavra das aspas e passo apresentá-la escrita em itálico, considerando a noção da categoria dos interlocutores.

⁹ Uso o termo sacerdote, como categoria de análise conceitualmente usada pela a antropologia da religião. Assim, sacerdote seria aquele que tem a sabedoria e o conhecimento especializado das praticas religiosas, cargo presente em quase todos os modelos das organizações religiosas.

ajoelhou-se e cantou um pouco mais, mas agora *ela* colocava na parte interna do *objeto* que se encontrava no cetro daquele *Altar* alguma coisa que não consegui identificar, mas que pelas circunstâncias parecia ser de muita importância para o momento.

A cena acima citada despertou-me o interesse em compreender o que acontecia naquele espaço e porque certas pessoas apresentavam comportamentos e atitudes diferentes do considerado “normal”, e como aquelas “imagens”, “objetos” e “cores” emanavam certo domínio naquelas pessoas. Em fim, aquela festa foi determinante para o meu despertar pelos estudos Afro-religiosos em Santarém. Então, aquele “objeto” que de início me despertou a atenção, se desdobrou em meu TCC, e hoje, o *Ibá* (Imagem 1) tornou-se o objeto inquietador que marca meu início para o despertar da pesquisa no campo da Antropologia.

Imagem 1 - *Ibá* da *Cabocla Mariana*, Terreiro Santa Bárbara, Santarém, PA.



Fonte: Autor (2012).

Meu encontro com a religião afro-brasileira, em Santarém, apresentava-se como um universo rico de significados e foi vendo o *Pai* e os *filhos de Santo baiando*¹⁰, acompanhando as festas da *Casa* que estabeleci amizades com o *povo de santo* e passei a conhecer suas práticas, as funcionalidades e simbologias dessa religião.

¹⁰ **Baiar; Baiando:** De origem do termo *baiar*, significa dançar ritualmente. Isso é uma prática muito comum nos cultos Afro-brasileiros que fazem uso de atabaques e tambores.

1.1.1 Encontro com o Pai Edivanei de Oyá e sua trajetória

Após minha ida ao Terreiro de Mina Santa Bárbara para observar a festa em homenagem à *Cabocla Mariana*, minha orientadora e eu voltamos ao Terreiro para conversar com o *Pai de Santo* da *Casa* e realizar uma entrevista. A professora me levou nesse dia para também poder observar e exercitar como poderia ser iniciada uma entrevista. Eu estava muito ansioso, pois naquele dia sentia estar entrando no campo de fato. Passava por minha cabeça todas as aulas e discussões sobre as pesquisas de Malinowski (1976) e sua chegada às ilhas Trobriand. Por fora eu aparentava muita tranquilidade e segurança, mas eu estava numa mistura de ansiedade e nervosismo, era um momento novo para mim.

Chegamos ao Terreiro por volta das 15:00 e gentilmente o *Pai de Santo* nos recebeu e nos levou para uma área coberta, uma cabana coberta de palha que fica localizada ao lado de uma frondosa mangueira que nos fornecia um sombreado muito agradável naquela tarde quente.

Confesso que meu retorno ao Terreiro me causou certo espanto, pois no dia em que a festa em homenagem a *cabocla* tinha acontecido, aquele Terreiro pareceu-me mais movimentado e glamoroso, totalmente ao contrário do que eu estava presenciando ao retornar. Então, fiquei com as perguntas na minha cabeça de como aquele Terreiro que naquele momento me parecia não mais ativo, conseguia fazer uma festa tão pomposa como a que eu tinha presenciado? Bom, esta pergunta guardei comigo e só depois com o decorrer da pesquisa ela foi me guiando para aquilo que estava ao meu encontro: o de compreender um novo universo de significação.

Retornado a entrevista, a professora inicia perguntando para o *Pai de Santo* sobre a localização do Terreiro, só bastou esta pergunta para que ele comesse a contar sua história. Localizou o Terreiro dizendo que fica na travessa Moraes Sarmento entre Borges Leal e Marechal Rondon, Santarém-PA, e que a mais de 42 anos mora nesse endereço dividindo o espaço entre o *Barracão* e casa residencial.

Pai Edivanei nos disse que desde criança, aos onze anos de idade, já apresentava sensibilidades para a *mediunidade*, e que sofria, pois sua família biológica, por pertencer a outras religiões, como Testemunhas de Jeová, Adventista, Assembleia de Deus, e Católica, não davam credibilidades às manifestações mediúnicas apresentadas por ele. Mas segundo o *Pai de Santo*, praticamente todos os seus familiares apresentavam algum tipo de ligação com a mediunidade e devido estarem praticando outras religiões, não acreditavam e preferiram se afastar ou negar essas manifestações.

Eu venho de uma família que tem [referindo-se as manifestações mediúnicas], mas todos se escondem atrás do catolicismo ou atrás do evangelho, que é como eles se dizem né, que são evangélicos, e eu não, quando eu peguei [referindo-se as manifestações espirituais] eu enfrentei uma barreira muito grande, eu nunca procurei me esconder. (*Pai de Santo Edivanei de Oyá, nos falando sobre sua vida, 2012*). (grifos meus em colchete).

Pai Edivanei, então ainda quando criança por sua própria conta foi procurar ajuda e conheceu uma *pessoa do santo* que o levou em um terreiro. Ele nos relata que no dia que foi a esse terreiro sentou-se em uma arquibancada, nos últimos degraus, e só lembra-se do que viu e ouviu até o momento que estava sentado:

Então eu estava quase no último degrau da arquibancada, eu sei que eu estava lá em cima quando começou, todo mundo até hoje lá diz “um menino tão pequeninho e tão magrinho”, quando todo mundo viu foi só o ... zimbolê lá de cima, rebolei da arquibancada. Aí foi a onde começou minha trajetória espiritual sobre os cultos afro religiosos, e enfrentando família. Nesse tempo tive minha madrinha, que eu chamava madrinha para ela, morava até aqui em frente [em frente ao atual Barracão] e ela também era espírita e até então a única pessoa que me deu apoio, só depois encontrei apoio na minha mãe, mas ao mesmo instante não encontrava e teve o tempo que eu fui embora para Manaus, e eu morei em Manaus cinco anos, lá frequentei a Casa de Dona Zumira. (*Pai de Santo Edivanei de Oyá, nos falando sobre sua vida, 2012*).

O *Pai Edivanei* foi para Manaus quando já tinha dezoito anos e ficou nessa cidade por aproximadamente cinco anos e frequentava o terreiro da Dona Zumira, mas sem criar vínculo oficialmente com a *Casa*.

Meu interesse na Dona Zumira era buscar conhecimento, buscando entender nem só o conhecimento para entender, mas acima de tudo compreender, por que não adianta você buscar o conhecimento e só entender se você não tiver uma compreensão com aquilo. O que é as forças místicas né? já se diz tudo, é uma força oculta que há entre o céu e a terra que homem nenhum na terra jamais poderá decifrar. Depois voltei para cá para Santarém, aí minha mãe [biológica] já morava em Itaituba com meus irmãos eu fui para lá, frequentei a casa do Pai Zezinho em Itaituba e também frequentei a casa de Silá Baiana. (*Pai de Santo Edivanei de Oyá, nos falando sobre sua vida, 2012*).

Depois de passar por essas *casas*, no final dos anos noventa ele volta para Santarém e funda seu próprio terreiro dedicado à *Umbanda* e a *Mina*, e recentemente iniciou-se no *Candomblé*. Ele nos diz que foi a través da *Mãe de Santo Nazaré* de oyá, que é natural da cidade de Belém, teve contanto com o Candomblé. O *Pai Edvanei* ressalta que esse período foi marcado por uma forte opressão política e militar para legalizar o Terreiro.

Eu não tinha alvará de funcionamento, não tinha mãe de Santo, não tinha *Pai de Santo*, cheguei com ela “olha mãe Nazaré, tá se passando isso, isso e isso, dispus o meu problema para com ela, por que na época ela era presidente da Federação, representante né, e a presidente aqui dentro de Santarém, ela “não meu filho, não seja por isso, você já tem sua casa aberta, traga só xerox do seu registro e uma fotografia e seu endereço tudo”, e ela tinha o Alvara e se responsabilizou como minha Mãe de Santo. (*Pai de Santo Edivanei de Oyá, nos falando sobre sua vida, 2012*).

Segundo o *Pai Edivanei*, a *Mãe de Santo* Nazaré de Oyá responsabilizou-se como *Mãe de Santo* dele e lhe concedeu, por ser naquele período presidente da Federação local¹¹ responsável pela legalização dos terreiros, o alvará que lhe dava o direito de manter a *Casa* aberta. Segundo o sacerdote, uma das exigências do órgão regulamentador da época determinava que ele também deveria se *iniciar* no *Candomblé*. No entanto, o *Pai Edivanei* só iria se iniciar no *Candomblé* anos depois, em 2010. Os *búzios* revelaram ser Ele filho de *Oyá-Iansã*.

Eu busquei o caminho da religião Candomblé, para eu cultivar meu santo, meus Orixás, que são minha Mãe de cabeça e meu Pai de cabeça, e não para eu botar em prática na minha casa, poderei sim tocar um Candomblé na minha casa, quando for para fazer a apresentação da minha santa e minha Mãe de Santo chegar e dizer “meu filho está na hora de ter um Candomblé na sua casa” aí sim, mas eu vou cultivar sempre a minha Umbanda, por que tudo que eu tenho e tudo por onde eu andei que eu conheço é através dos Catiços, dos Mestiços, dos Índios e dos Caboclos que eu carrego. (*Pai de Santo Edivanei de Oyá*, nos falando sobre sua vida, 2012).

Ele nos diz que o nome do seu terreiro, *Terreiro de Mina Santa Bárbara*, foi uma sugestão da *Mãe de Santo* Nazaré de Oyá que também cultuava a *Mina*. O sacerdote chamou a atenção para o fato de não gostar de expor na parede do seu *Barracão* o Alvara de licença de funcionamento, pois para ele não há necessidade, já que outras igrejas e religiões também não os expõem, logo sua religião não seria exceção.

Graças a Deus eu toco o meu tambor aqui, seja de dia ou de noite, meus vizinhos não reclamam, já morou protestante aqui do lado da minha casa, evangélico, mas nos dávamos muito bem, sempre morei aqui e todo mundo me conhece aqui nessa redondeza, meus vizinhos são ótimos comigo e eu para com eles quando eles precisam de mim, frequento a casa deles e eles a minha, fora da religião temos um bom relacionamento de uma boa vizinhança, o que é muito bom. (*Pai de Santo Edivanei de Oyá*, nos falando sobre sua vida, 2012).

Depois de muito conversar, argumentar e seguramente responder as nossas perguntas, fizemos ainda um último questionamento para ele sobre a sua escolaridade. O religioso nos contou que não chegou a concluir o segundo ano do antigo primário e que fora das práticas religiosas atua como cabelereiro, “culinarista” e artesão. Artesão? Perguntamos.

Sim eu preparo as louças, para preparar os Ibás, é eu que faço as ornamentações, tem até uma alí da minha Mãe Mariana [apontando para o altar do terreiro], ela foi toda trabalhado nos Búzios. Se vocês tivessem vindo até na quinta feira de manhã aqui, vocês tinham visto cada umas lindas que eu fiz lá pra Monte Alegre [município]. (*Pai de Santo Edivanei de Oyá*, nos falando sobre sua vida, 2012).

Essa resposta dada pelo *Pai de Santo* naquele momento fez aumentar minha curiosidade em saber o que seria o *Ibá*, mas naquela ocasião, ainda um pouco inseguro e

¹¹ Federação Espírita Umbandista dos Cultos Afro-Brasileiros do Estado do Pará (FEUCABEP). Para mais informações sobre a “federalização” das praticas afro-religiosas em Santarém ver o trabalho de Telma Bemerguy (2014), “Histórias dentro da História: os cultos afro religiosos em Santarém Pará, 2014”.

tímido por estar na frente da minha orientadora, me contive e não perguntei, pois fiquei com medo de fazer a pergunta “errada”, mas o que na verdade estava acontecendo, e eu ainda não sabia, era o despertar do meu interesse antropológico de saber sobre os sentidos da materialidade daquele “objeto” para o *Pai de Santo*.

O sacerdote continuou falando que naquele momento tinha poucos *filhos de santo* na *Casa*, pois segundo ele, seu Terreiro já teve mais de trinta *filhos*, mas que infelizmente as *quizilas* entre os *filhos* o levou a escolher ficar com poucos deles por perto. Ainda nos contou com orgulho ter *filhos iniciados* por ele em outras partes do Brasil e mesmo em outros países. O *Pai de Santo* ressaltou que por mês cerca de 100 pessoas são atendidas no seu Terreiro e que entre estas, muitas estão sendo *tratada* por ele há mais de vinte anos.

Sobre o calendário de festas do Terreiro, ele nos contou que as festas começam no mês de janeiro, com a festa para *Maria Padilha*; no mês de abril para a *Cabocla Mariana*; em agosto para a *Legebara Pomba Gira Rosa* e no mês de outubro para o *Seu Rompe Mato*. Essas são realizadas pela *Casa* todos os anos, mas que esporadicamente, a pedido das *entidades* ou por certos *trabalhos*, outras atividades são desenvolvidas pelo Terreiro no decorrer do ano.

Esse primeiro encontro com o *Pai de Santo* Edivanei de Oyá, marcou um início muito importante tanto para o NPDAFRO quanto para a minha pesquisa. O *Pai de Santo* mostrou-se muito solícito e aberto à nossa pesquisa e por isso pedimos a ele permissão para realizarmos a primeira atividade de extensão do nosso projeto no seu Terreiro, a Oficina de Toques e Cantigas do Repertório das Casas e Terreiros de Santarém¹². O *Pai* Edivanei nos autorizou e a oficina foi realizada nos dias 11 e 12 de agosto de 2012, alcançando um público de 70 pessoas por dia do evento e contando com a presença de muitos professores, alunos e outras autoridades Afro-religiosas de Santarém.

Como esse evento foi importante para mim e o meu trabalho de campo? Para esse evento, além de outras atividades desenvolvidas, me propus a confeccionar o convite da oficina, então criei toda a arte do convite. O *Pai* Edivanei viu o convite e perguntou quem tinha criado a arte, então ele ficou sabendo que eu tinha feito. Nos dias em que ocorreu a oficina aproveitei para fazer varias fotografias do terreiro, principalmente do *Altar*, volta e meia, o *Pai de Santo* me chamava para ver como estava ficando as fotografias e me falou que gostaria de ficar com a cópia de algumas fotografias que eu tinha feito.

¹² Esta atividade foi realizada em parceria com a Coordenação de Educação e Diversidade Étnico-racial, da Secretaria Municipal de Educação de Santarém como objetivo de fornecer aos educadores da rede pública do município subsídios didático-pedagógicos para o ensino de história africana e afro-brasileira de acordo com lei 10.639/2003.

Passados os meses, e dando continuidades no projeto sobre o mapeamento e visitando outras *casas*, cada vez mais eu ia me interessando pelo universo Afro-religioso de Santarém. No ano seguinte, mais exatamente em abril de 2013, o *Pai de Santo* Edivanei ligou para o meu celular pedindo para eu ir a seu Terreiro, combinamos o dia e fui ao seu encontro.

O assunto na verdade era um pedido, ele quis saber se eu poderia produzir o convite e fotografar a festa da *Cabocla Mariana*. Aceitei imediatamente, pois para mim essa tarefa seria muito importante para aproximar um pouco mais daquele universo cheio de mistérios.

Figura 2 - Primeiro convite que criei para a festa da Cabocla Mariana a pedido do Pai de Santo.



Fonte: Autor (2013).

Esse simples convite (Figura 2) foi a chave que faltava para eu entrar um pouco mais nesse universo, e desde então passei a fotografar e confeccionar todos os convites das festas realizadas pelo Terreiro de Mina Santa Bárbara. Assim, nesse primeiro momento fui posicionado no campo pelo *Pai de Santo* como o “menino da pesquisa” que faz os convites e as fotografias das festas da *Casa*. Esse posicionamento dado a mim, foi mudando no decorrer dos anos de contato com a *Casa* como, por exemplo, passei do “menino da pesquisa” para o “pesquisador do meu Terreiro” – termo geralmente usado pelo *Pai de Santo* quando me apresenta a outras pessoas do seu meio.

Figura 3 - Outros convites pedidos pelo Pai de Santo.



Fonte: Autor (2014).

Esses convites (Figura 3) me deram uma boa abertura para desenvolver minha pesquisa na *Casa*, no entanto algo estava faltando em meus estudos, eu já tinha dados suficientes para começar a escrever um bom trabalho, mas considerava essas informações ainda rasas e estava faltando algo para complementar ou torná-las mais consistentes do ponto de vista antropológico. Foi então que no mês abril de 2014, como já era de esperado, o *Pai* Edivanei me pediu para fazer o convite da festa da *cabocla* mais respeitada da *Casa*, a *Cabocla Mariana*.

Mas minha surpresa foi muito maior. O *Pai de Santo* além de me pedir para confeccionar os convites me perguntou se eu não estava interessado em acompanhar todos os preparativos para a *festa*¹³ da *Cabocla*. Eu respondi contidamente que sim. Mas em silêncio falava comigo mesmo - mas é claro! Hoje eu considero que essa oportunidade era o que estava faltando para minha pesquisa. Ao longo de todos esses anos eu só acompanhava as

¹³ A partir desse ponto grifo a palavra festa em itálico, pois somente com a possibilidade de observar esses preparativos que tive a compreensão do termo no contexto das práticas religiosas do Terreiro de Mina Santa Bárbara.

festas nos momentos facultados ao público de maneira geral. Até aquele momento eu nunca tinha acompanhado todas as etapas rituais e cerimoniais que precediam as *festas* públicas que são na realidade a culminância de um longo processo de preparação. Só então me dei conta da enorme complexidade que estava por trás daquele lugar. O que para mim pareceu ser desde o início um Terreiro pouco “ativo”, mostrava-se agora rico e complexo de informações, significados e magicamente “vivo”.

A partir desse ponto começo a mostrar os resultados desses anos que me encontrei nesse universo religioso. Ao longo desse período que coincidiu com os meus anos de formação no curso de graduação, a pesquisa no Terreiro de Mina Santa Barbara, foi na verdade um grande exercício de preparação para observar e compreender todo o complexo processo ritual que envolve uma cerimônia dedicada aos *Caboclos*. E por esses ritos serem importantes para o Terreiro e esclarecedor para as minhas indagações é que o considero relevante etnografá-los e apresentá-los neste TCC.

1.1.2 Encontro com o método

Esculturas, sons, cantos, danças, indumentárias, sabores e ritmos que nascem dos candomblés, do terecô, da umbanda, da jurema, do tambor de mina, do catimbó, do xangô e das demais religiosidades com raízes afro ou indígenas, estão sendo criados e transformados todos os dias. Essa produção se encontra espelhada por diferentes partes do Brasil, em subúrbios, roças e metrópoles, disponíveis a olhares que as experimentem, as explorem e - por que não? - as tomem como objeto de pesquisa. (MOURÃO, 2012, p. 01)

Os objetos materiais, seja qual for o contexto de seus usos sociais (econômicos ou rituais) ou reclassificados como itens de coleções (acervos museológicos, patrimônios culturais ou religiosos), necessariamente, existem como partes integrantes de certos sistemas relacionais. Não apenas pelas razões evidentes de que esses objetos preenchem funções práticas indispensáveis, mas, especialmente, porque eles desempenham funções específicas de grande poder simbólico significativo para o grupo social.

O *Terreiro de Mina Santa Bárbara*, muitas vezes parecendo evidenciar “falência”¹⁴, tem se demonstrado vivo em suas práticas religiosas e é para mim o grupo social religioso no qual busquei compreender os sentidos de alguns dos seus rituais, dos símbolos, e do discurso daqueles que os praticam. As relações que descrevo entre o código da sua *entidade* e o código interpretado pelo seu *zelador* só foram possíveis porque os rituais e a crença em questão são

¹⁴Essa foi a impressão equivocada que tive em um primeiro momento visitando essa *Casa*.

parte formadora deste grupo. Assim, os *Objetos* e *Elementos* (re)significados por rituais nessa *Casa* tem sido o *elo* responsável pela manutenção das relações do grupo como um todo.

Considero como *Objetos*, as “representações” materiais das *Entidades* como esculturas e fotografias presentes no *Altar*. Identifico os *Elementos* como as *pedrarias*, *líquidos* e *infusões* preparadas pelos religiosos para a *consagração* dos espaços considerados *Sagrados* na religião. Apresento o termo *Sagrado* como categoria nativa referente a cosmovisão do religioso que em práticas ritualísticas criam espaços divinizados sob orientações espirituais a ponto de torná-los santificados e energizados, passando a ser considerados como espaços de devoção e renovação espirituais.

Segundo Turner (2005) através dos rituais, as sociedades vivenciam e dramatizam dimensões da vida social e reflete sobre si mesma. Estas cerimônias simbólicas podem ser executadas por um único indivíduo, um grupo, ou por uma sociedade inteira; pode ocorrer em locais aleatórios, específicos, de modo privativo ou público. Um ritual pode ser restrito a certo subgrupo da comunidade e pode autorizar ou sublinhar a passagem entre condições sociais ou religiosas. Como afirma Mariza Peirano (2002, p. 27),

Os rituais servem para reavivar e justificar os símbolos estimula o sentimento de pertencimento a um projeto coletivo. Trata-se de uma cerimônia simbólica propícia para desenvolver e refletir sobre os sentidos e valores considerados importantes pela sociedade. Analisar este processo consiste em identificar e examinar as práticas e processos culturais e suas relações com a sociedade, trabalhando estes conceitos considerando seu modo de produção de sentido, ou seja, a maneira como ela provoca significações e interpretações, lembrando que são momentos de excepcionalidade, reflexão e reafirmação dos símbolos e objetivos compartilhados, dentro da rotina cotidiana dos indivíduos.

Ou seja, o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Nesse sentido, os termos, nomes e significados apresentados nesta pesquisa fazem parte da gramática litúrgica do *Pai de Santo* da *Casa* utilizada na religião, que no decorrer desse trabalho serão colocados conforme aparecem quando relacionados à descrição e às funções específicas dos *Objetos* e *Elementos sagrados*. A gramática litúrgica são os significados, os termos utilizados pela prática da religião, são sistemas de significado com lógica particular (PEIRANO, 2002). Ressalto que só consegui entender essa lógica depois do tempo de campo que tive em contato com o grupo, porque foi na verdade aprendendo a língua da religião, aprendendo a sua lógica de significados que comecei a compreender seus sentidos.

Sempre que eu utilizar a categoria *Pai de Santo*, o farei por se tratar do responsável e autoridade máxima da *Casa*, reconhecido pela comunidade afro-religiosa como o provedor de dons espirituais, sendo ele o responsável por zelar e conduzir os ritos religiosos do terreiro. *Casa* ou Terreiro é o nome do espaço físico construído que abriga os *Elementos* e *Objetos*

Sagrados e onde se desenvolvem as manifestações e práticas afro-religiosas. *Altar* é o termo designado para o espaço que abriga os *Objetos* e *Elementos* referentes à *entidade* que neste estudo será o *Altar* da *Cabocla* Mariana.

Nesse trabalho sigo as trilhas que foram abertas por importantes estudiosos do tema e que estão marcando o meu percurso metodológico e analítico: Para a noção de religiosidade e modelo etnográfico faço referências às obras de Sergio Ferretti, em *Querebentã de Zomadonu* (2009) e Yvonne Maggie, em *Guerra de Orixá* (2001).

Os estudos de Ferretti (2009) apresentam uma antropologia da religião que não está preocupada em desvendar origens africanas dos elementos do culto, mas com as possíveis reinterpretações desses mesmos elementos, com a estrutura significativa dos símbolos no contexto local, e as condições de sua sobrevivência atual.

Maggie (2001) tendo como objetivo estudar particularmente um terreiro, restringindo-se a ele e não o de elaborar um trabalho sobre as religiões afro-brasileiras mostrou-me antropologicamente que um terreiro não é formado simplesmente por um espaço físico, mas também por relações que extrapolam aquele espaço e são de grande importância para a estabilidade do lugar. Desse modo, a autora me ajuda a mergulhar na compressão do meu local de pesquisa (que também é um único Terreiro) quando procuro descrever e analisar as relações tecidas e criadas nesse espaço religioso. Este é o modelo metodológico que venho seguindo em minha pesquisa.

Para as análises dos *objetos* a que estou me propondo realizar vou seguir as teses apresentadas nos trabalhos de José Reginaldo Gonçalves, em *Antropologia dos objetos* (2007), Tadeu Mourão, em *Encruzilhadas da cultura* (2012) e Alline Torres Dias da Cruz, em *Sobre Dons, Pessoas, Espíritos e suas Moradas* (2014).

Para Gonsalves (2007) o símbolo revela aspectos da realidade. As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psique; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma realidade. Gonçalves (2007) defende que a interpretação antropológica de quaisquer formas de vida social e cultural passa necessariamente pela descrição etnográfica dos usos individuais e coletivos de objetos materiais: “Não apenas pelas razões evidentes de que esses objetos preenchem funções práticas indispensáveis, mas, especialmente, porque eles desempenham funções simbólicas” (GONÇALVES, 2007.p, 08). Esses argumentos me possibilitam pensar que os objetos materiais, seja no contexto de seus usos sociais, seja nas esferas econômicos ou rituais, existem necessariamente como partes integrantes dos sistemas sócio-culturais que constituem formas específicas de subjetividade individual e coletiva.

Mourão (2012) centra os seus estudos na análise dos objetos transitando entre a arte e a antropologia. Ele busca desvendar as relações dos devotos da Umbanda com o “mundo sagrado”, e assim procedendo, me permite descortinar o imenso campo de significados que se abriga neste complexo sistema religioso (das religiões afro-brasileiras) que une os homens aos objetos e os homens entre si.

A pesquisa de Cruz (2014) discutiu os modos de atenção ritual enquanto formas de troca que produzem dependência recíproca entre os dominicanos e seus espíritos¹⁵ a partir da manipulação de substâncias e objetos cuja importância reside em seus efeitos sensíveis. Sua hipótese fez-me refletir para os sentidos de “trocas” que se criam entre a entidade espiritual e seu zelador.

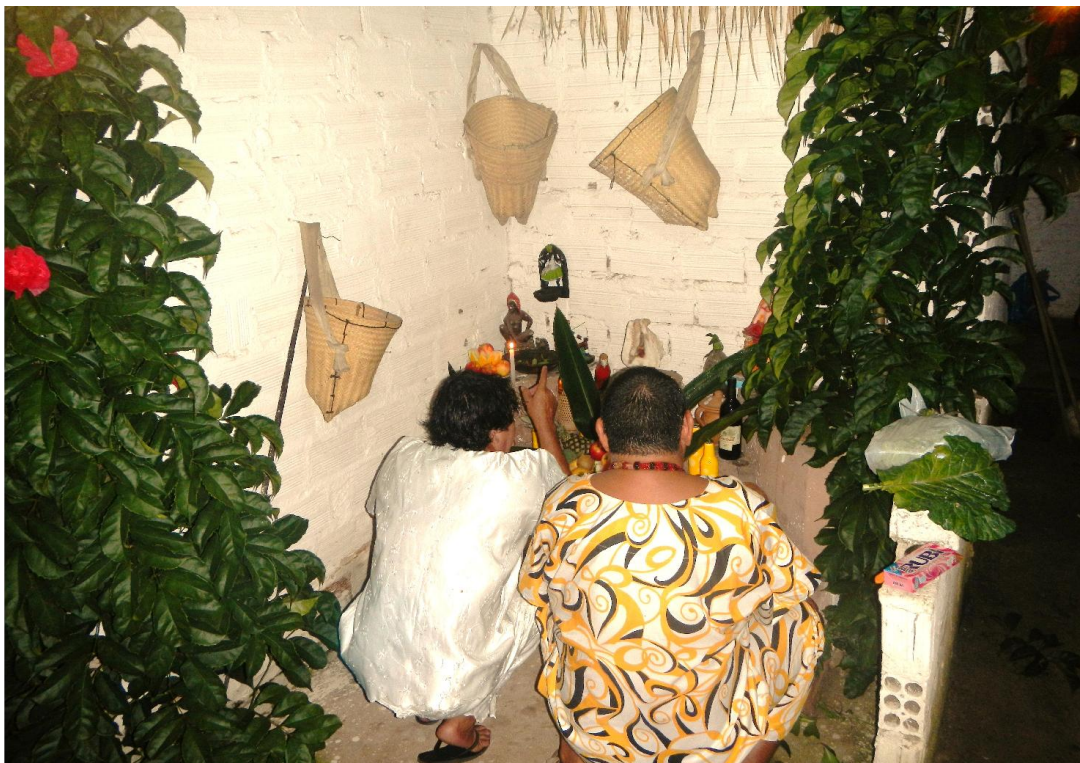
Além desses autores e de suas respectivas teses, também fiz uso da observação direta e sistemática no *campo*, tanto no cotidiano como dos momentos festivos e cerimoniais. Como técnica para o levantamento de dados, utilizei o registro fotográfico do *Altar* e de outros espaços considerados *Sagrados* nesse Terreiro, juntamente com a realização de entrevistas gravadas com o *Pai de Santo* e frequentadores daquele espaço afro-religioso.

Ressalto que utilizo a fotografia na perspectiva proposta por Geertz (1989) quando diz que a imagem é um elemento do discurso antropológico, que usa como estratégias de legitimação e convencimento, próprio dos textos etnográficos, e possibilita a interpretação das situações sociais (sua descrição e reconstituição). A fotografia, nesse caso, “acrescenta novas dimensões à interpretação da história, permite captar e transmitir o que não seria imediatamente possível no campo lingüístico” (NOVAES, 1998, p.116). Assim, a fotografia torna-se também uma forma de descoberta do cotidiano; do social (ANDRADE, 2002). A imagem fotográfica em minha pesquisa não tem o sentido de “copiar” a realidade, mas sim, mais uma forma de buscar entendê-la.

Como se verá a seguir, amparado pelo o aporte bibliográfico e metodológico e das minhas observações em campo, boa parte deste trabalho está voltado para uma análise do *ethos* e da cosmovisão do grupo social observado, enfatizando os aspectos simbólicos que foram detectados através das verbalizações e representações dos mitos e das práticas dos rituais vivenciadas pelo Pai de Santo e seus seguidores nessa religião. Devo ressaltar que apresento apenas parte das vivências desses religiosos, as quais tive a permissão de presenciar.

¹⁵Espíritos que pertencem aos panteões do vodu, por imigrantes da República Dominicana, chamados de *pessoas que têm os mistérios*.

CAPÍTULO 2: COMPREENDENDO O *SAGRADO*: PREPARANDO A *FESTA*



Fonte: Autor (2014).

Mãe Mariana é o caminho, a luz [...] Sua missão é ajudar o próximo por meio de seus saberes e de seus conhecimentos de cura. A missão Dela é a de cumprir para com a Umbanda e para com seus adeptos e de confortar nossas dores e perdas tanto materiais como espirituais, Mãe Mariana nunca nos deixa sem respostas. (Pai de Santo do Terreiro Santa Bárbara, 2012).

No primeiro capítulo, meu objetivo foi deixar claro como se deu minha inserção no campo, pontuando os passos que me levaram aos encontros com meus interlocutores e métodos que considerei adequado para o estudo. Neste capítulo, apresento os significados e compreensões que resultaram dos “encontros”. Assim, para compreender os sentidos da *festa* em homenagem à *Cabocla Mariana* - recorte do campo que considerei importante para observar e analisar as relações constituídas pelo grupo - começo apresentando de modo pontual a mitologia que constitui a *entidade* em destaque. Em seguida, mostro através de um croqui os espaços físicos do Terreiro e seus sentidos para o *Pai de Santo*; dando uma atenção maior para um desses lugares, o *Altar*, lugar na *Casa* onde ocorre grande parte dos rituais que dão sentidos às relações do grupo religioso com as materialidades sagradas. Na sequência, inicio os passos dos preparativos da *festa* que presenciei, dividindo em quatro momentos:

O toque para *Exu*, seguido da reunião da *entidade* com seus *filhos de santo*, *alimentação do Altar*, culminado com a *feita* final aberta ao público.

2.1 “CABOCLA MARIANA, A PRINCESA ENCANTADA”

Lá fora tem dois navios
Em um deles tem dois faróis
É a Esquadra da encantada
Marinheira Mariana
Lá na praia dos Lençóis
(Pai de Santo da Casa cantado para saudar *Dona Mariana*)

O universo simbólico das religiões Afro-brasileiras me fez adentrar por um *Portal da Encantaria Amazônica* que me levou a um *Navio*: o *Tambor de Mina*¹⁶. Quando percebi, já estava fazendo parte da *Esquadra da encantada Cabocla Mariana*, entidade de personalidade forte e ao mesmo tempo carismática, que raia no Terreiro de Mina Santa Barbara em Santarém (PA), nas *festas e obrigações*, como *Princesa Turca Encantada*, e na *linha de cura*, como *Arara Cantadeira*. Desse *encantamento*, surgiu um entusiasmo acadêmico, no qual está baseada minha pesquisa de buscar compreender os sentidos sociais dos *Objetos e elementos Sagrados* que compõem o *Altar da entidade Cabocla, Dona Mariana*.

A *Cabocla Mariana* seria uma entidade proveniente do *Tambor de Mina* inserida no universo mítico e ritualístico das religiões Afro-amazônica (LUCA, 1999). No entanto, como os ritos Afro-brasileiros, de acordo com suas matrizes estético-culturais, influenciam-se uns aos outros, a *Encantada Mariana* transcende o contexto do *Tambor*, atravessando fronteiras e aparecendo nas práticas de outras religiões Afro-brasileiras. A *bela turca*, descrita com longos cabelos loiros, pele branca e olhos claros (Imagem 2), pertence, segundo o universo mitológico, à *Família da Turquia*.

De acordo com o *Pai de Santo*, os *Turcos* são, nesse contexto, nobres orientais, pertencentes à Corte Imperial da Turquia, formando uma família extensa, constituída de *nobres encantados*. As *entidades* definidas como *encantados* são seres humanos que não passaram pela a experiência da morte, mas se transformaram em uma nova forma de ser. São

¹⁶ Não tenho interesse neste estudo desvendar origens das raízes históricas dessa religião, mas para efeito de informações, estudos demonstram que o *Tambor de Mina* surgiu na capital do Maranhão e expandiu pelo Pará, Amazonas, outros Estados do Norte e para as capitais que receberam grande número de migrantes do Norte, como Rio de Janeiro e São Paulo. Embora considerado hegemônico no Maranhão, o *Tambor de Mina* - Jeje, Nagô, Cambinda, foi sincretizado (categoria sustentada por esses pesquisadores) no passado com manifestação religiosa de origem indígena denominada Cura/Pajelança e com uma tradição religiosa afro-brasileira, surgida em Codó (MA), denominada Mata ou Terecô. (LUCA, 1999). Para mais informação ver trabalhos: FERRETTI (2009); FURUYA (1986); VERGOLINO E SILVA (1987); SALLES, (1971); MAUÉS, (1995).

encontrados tanto na pajelança cabocla (MAUÉS, 1995), quanto no Tambor de Mina maranhense (SHAPANAN, 2001).

Na *Mina*, *orixás*, *voduns*, *nobres* e *caboclos* são divididos em duas grandes “classes”: os *senhores* (*orixás*, *voduns* e *nobres*)¹⁷ e os *caboclos* (FERRETTI, 2009). Nessa “classe” existe uma relação hierárquica traduzida na prática ritual em que a primeira parte dos *toques* é sempre destinada à louvação dos *senhores*, seguindo-se da *virada para caboclo*, com a *descida* ou *arreada* dos mesmos, que *baixam* ao som dos tambores para brincar, se divertirem ou atender as pessoas presente no *Barracão*.

Os *encantados nobres* e os *caboclos* estão agrupados em *famílias*, grupos extensos compostos por um chefe com uma ou várias mulheres, seus descendentes diretos filhos(as), filhos adotivos e, não raro, outros agregados ao núcleo familiar. Algumas dessas *famílias* são extremamente populares nos terreiros de Santarém como o da *família da Turquia* (*os turcos*).

Imagem 2 - Cabocla Mariana, Terreiro Santa Bárbara, Santarém, PA.



Fonte: Chaves (2012).

Segundo o *Pai de Santo*, a *Cabocla Mariana* (*Nobre encantada* e *cabocla*) pertence à *linha da água salgada*, aparecendo, em sua mitologia, ligada ao mar, dominando dunas e

¹⁷ No Terreiro de Mina Santa Bárbara segundo os relatos do *Pai de Santo*, da classe das entidades identificados como *senhores*, os *voduns* não são cultuados nos ritos religiosos da casa, sendo devotados apenas os *orixás*, *nobres* e *caboclos*.

praias. *Ela* gosta de vestir-se bem, é bastante receptiva, embora algumas vezes seja abrasiva. Suas cores ritualísticas são o vermelho (em alguns momentos rosa), o verde e o amarelo, presentes nas vestimentas feitas de panos vistosos e coloridos. Gosta de beber, de preferência cidra e cerveja.

Por suas qualidades distintas, carisma, liderança, irreverência, vaidade, justiça, força, fraternidade, juventude e espírito maternal (LUCA, 1999), a *entidade* é uma das mais populares e bem quistas pelos praticantes da religião, na cidade de Santarém:

Sua missão é ajudar o próximo por meio de seus saberes e de seus conhecimentos de cura. A missão *Dela* é a de cumprir para com a Umbanda e para com seus adeptos a de confortar nossas dores e perdas tanto materiais como espirituais, Mãe Mariana nunca nos deixa sem respostas (Pai de Santo do Terreiro Santa Bárbara, 2012).

É nesse universo de *encantaria*, mistério, beleza e saberes ritualísticos que se dá a forma e o ordenamento do *Altar da Cabocla Mariana*. Para o *Pai de Santo* o *Altar* representa a materialização das ordens da *Princesa*, que para manter a harmonia e o equilíbrio espiritual e social do terreiro devem ser obedecidas e de maneira correta.

2.2 TERREIRO DE MINA SANTA BÁRBARA E SEUS ESPAÇOS

A proposta desse tópico é mostrar uma leitura dos espaços físicos que constituem o Terreiro de Mina Santa Bárbara, espaços estes que abrigam e constituem também outros espaços para além do material. Segundo Eliade (1991), para o afro-religioso, o espaço não é homogêneo, havendo lugares privilegiados, qualitativamente diferentes, por terem sido consagrados e transformados em lugares de comunicação do sobrenatural com o material.

O espaço ocupado pelo Terreiro de Mina Santa Bárbara é também considerado pelo *Pai de Santo* e seus *filhos* como um lugar sagrado, um local de comunicação com as entidades e renovações de *energias*, sendo demarcado e subdividido em espaços especiais.

O croqui (Figura 4) mostra os espaços construídos no terreno. Eu começo apresentando a fachada, trata-se de um muro de tijolos que está de frente para a rua. A própria rua faz parte da cosmologia desse espaço, pois segundo o *Pai de Santo*, a rua é morada das *Pombas Giras*, das *Ciganas dos povos da rua*, como *Seu Zé Pelintra*, *Tranca Rua* e *Exu*. Essas entidades são as responsáveis pelas comunicações das pessoas com o sobrenatural e por toda a movimentação e dinamismo da vida. Olhando para o muro, da perspectiva de quem está na rua, do lado de fora, não é fácil identificar que se trata de um Terreiro, porque não existe identificação em sua fachada e o Terreiro propriamente dito encontra-se nos fundos do terreno.

Ao entrar, olhando para o lado esquerdo do croqui, é possível avistar a casa de madeira, residência onde mora o *Pai de Santo*, e a pequena porta de madeira envelhecida pelo tempo que dá acesso ao terreiro. A casa residencial é um espaço que considero como um oásis para o *Pai de Santo*, que tenta separar este espaço das partes consideradas específicas para as atividades do Terreiro.

Outro espaço que identifico no croqui é a localização do *Barracão*, espaço onde acontecem as *festas* e os *toques* para os *Caboclos*, local das grandes apresentações e manifestações espirituais. No *Barracão*, o público pode entrar em contato com os *Caboclos*, podendo em dias de *toques* ou *festas* conversar com essas *entidades*, pedir conselhos, orientações ou agradecer as graças alcançadas pessoalmente com a sua *entidade* devotada.

Do *Barracão* podemos avistar a *Cabana*, trata-se de um espaço muito agradável coberto de palhas e refrescante em dias de muito sol, pois este local recebe um sombreado muito bem-vindo de uma frondosa mangueira. O espaço é todo aberto e é lá que o *Pai de Santo* recebe seus clientes ou visitas cotidianamente. Considero este espaço como um bom local de interação social, já presenciei muitos momentos de descontrações do *Pai de Santo* com os seus *filhos* nessa *Cabana*.

No croqui, também identifico o *quarto*, o *banheiro de ervas* e a *cozinha*. Esses são espaços que segundo o *Pai de Santo* não podem ser expostos, pois os mesmos são locais específicos para atendimentos considerados particulares, como por exemplo, em um dos *quartos* funciona um local de atendimento particular. É onde os clientes podem ter acesso aos *Caboclos* e realizar suas consultas ou pedir conselhos de maneira mais reservada.

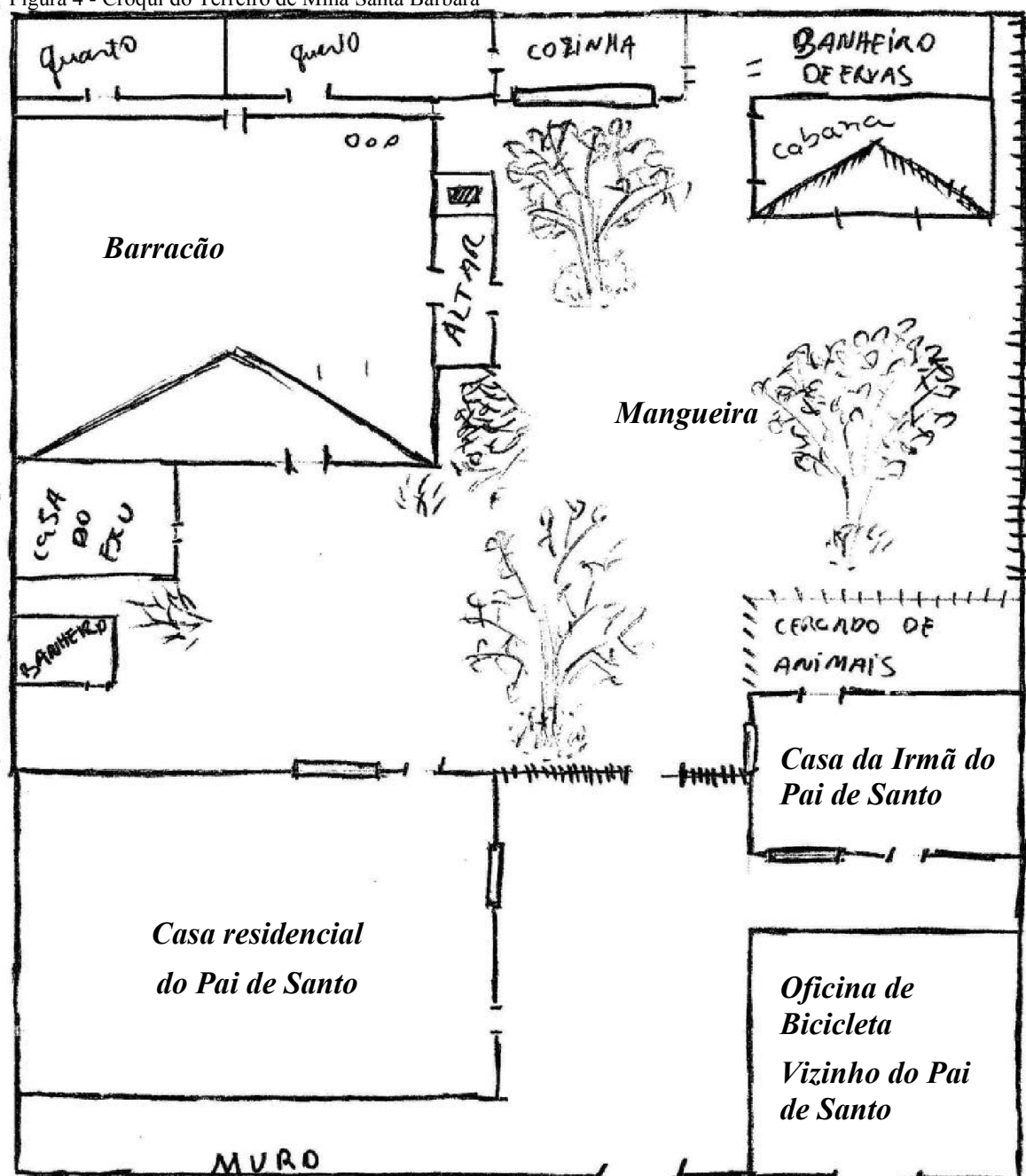
O local identificado no croqui como *banheiro de ervas*, como o nome sugere trata-se de um banheiro onde o *Pai* e os *filhos de Santo* da *Casa* limpam seus corpos para receberem as energias de suas entidades, também nesse local por ordem do sacerdote, alguns clientes podem ser *banhados* em caso de tratamentos espirituais.

A *cozinha* nesse caso é um local específico para os preparos alimentares considerados sagrados. Nesse espaço, ao comando de uma pessoa (geralmente uma filha de santo) previamente escolhida pelo *Pai de Santo*, a comida ritual é preparada, e de lá saem prontas para serem servidas tanto às *entidades* como para os visitantes e *filhos de santo* em dias de festejos e *obrigações*.

A *Casinha de Exu* fica localizada em frente ao *Barracão*, também é um espaço restrito ao público, essa *casinha* só pode ser aberta pelo próprio *Pai de Santo*, geralmente ele abre em dias específicos de comemorações, *obrigações* ou *oferendas* oferecidos aos *exus* que

moram naquela *casinha*. O *Pai de Santo* e os seus *filhos* geralmente quando passam em frente à *Casinha* costumam tocar o batente da sua porta repetindo algumas palavras em voz baixa. Segundo Van Gennep (1978) a porta seria o limite entre o mundo estrangeiro e o mundo doméstico, se deixa uma habitação comum para uma habitação sagrada. Assim, “atravessar uma porta” significa ingressar em mundo novo. A seguir apresento o croqui (Figura 4) dos espaços do Terreiro de Mina Santa Bárbara:

Figura 4 - Croqui do Terreiro de Mina Santa Bárbara



Fonte: Notas de Campo. Autor (2013).

A seguir, apresento imagens referentes ao croqui (Imagens 3 – 8):

Imagem 3 - Muro que cerca o terreno



Fonte: Autor (2013).

Imagem 4- Casa residencial e entrada do Terreiro aos fundos



Fonte: Autor (2013).

Imagem 5 - Terreiro.



Fonte: A. Rapp Py-Daniel (2012).

Imagem 6 - Lado direito da fotografia casinha do Exu



Fonte: Autor (2013)

Imagem 7 - Interior do Barracão.



Fonte: Autor (2014).

Imagem 8 – Cabana.



Fonte: Autor (2012).

Reservei o próximo tópico para a apresentar um dos espaços mais significativos e importantes para o *Pai de Santo* e seus *filhos*, trata-se do *Altar da Cabocla Mariana*, lugar que concentra muitos *elementos e objetos sagrados* para os religiosos.

2.2.1 Altar da Cabocla Mariana

Olhei pro céu, vi uma estrela
 Olhei pro mar, eu vi maresia
 Olhei pras matas, eu vi encantaria
 Cabocla linda é a Cabocla Mariana
 É no luar que ela sai a passear
 Ela flutua numa pedra que tem lá no alto mar
 (Pai de Santo do Terreiro Santa Bárbara cantando em quanto limpa o Altar da D. Mariana)

Imagem 9 - Altar da Cabocla Mariana.



Fonte: Autor (2014).

No croqui eu localizei um dos espaços mais significativos para o Terreiro de Mina Santa Bárbara, refiro-me ao espaço onde está localizado o *Altar da Cabocla Mariana* e as outras entidades de sua *linha*¹⁸ (Imagem 9). O *Altar* fica localizado na parte externa do *Barracão*, mas que pode ser acessado por uma porta lateral que liga o *Barracão* ao espaço onde está localizado o *Altar*.

¹⁸ **Linha:** Pertença das entidades. Origens.

Os terreiros de maneira geral apresentam muitas esculturas religiosas e cada escultura ocupa um lugar simbólico dentro do espaço sagrado do terreiro. Na Umbanda, esses locais representam um dos mais importantes dos espaços *Sagrado*. Como podemos observar nas palavras de Mourão (2012):

A Umbanda converge uma forte tradição cultural religiosa de representação escultórica de entes sagrados e, assim sendo, cada uma das diversas entidades existentes em seu extenso panteão é materializada visualmente por meio de esculturas, que respondem a um padrão iconográfico indissociavelmente ligado à história dos espíritos representados. (MOURÃO, 2012, p. 185).

Todas as imagens seguem em sua disposição no *Altar* uma espécie de padrão hierárquico enunciado por sua localização (ORTIZ, 1999). A função do *Altar* é a de concentrar as *energias* emanadas pelos *orixás* e pelas *entidades* espirituais que atuam no terreiro (PINHEIRO, 1998). Tais *energias* acumuladas nesse espaço, para os religiosos, são direcionadas pelos *espíritos* aos *médiuns* e às pessoas que frequentam os terreiros.

Na *Casa do Pai de Santo* Edivanei de Oyá, é possível observar muitas esculturas religiosas que estão cuidadosamente localizadas a partir de uma gramática litúrgica que institui esse território como *Sagrado*. Na concepção do religioso, o *Altar* representa o mais importante espaço *Sagrado* e o conjunto dos seus *Elementos* mostram-se disposto em obediência a padrões hierárquicos e ritualísticos. Os diversos *Objetos* e *Elementos* que compõem o *Altar* torna-o um potente aglutinador de forças dentro do Terreiro; mostra-se como um condensador e transformador dos mais diferentes tipos de *energias* (FERRETTI, 2009; GELL, 1999; CRUZ, 2012). Nesse espaço existe um processo de constante renovação de *Axé* (Força, Energia, Vida) que emana do *Altar* e que igualmente estabelece a postura adequada que o religioso deve apresentar.

No *Altar* da *Cabocla Mariana* tudo salta aos olhos: o *Altar* é formado por três grandes degraus de concreto que lembra uma escada; o espaço e sua ambientação são cheios de *Objetos* simbólicos da religião, tais como estátuas de entidades; vários e diferentes *Elementos* da religião, tais como, copos com água, *pedras*, e outros *líquidos* específicos para cada *entidade* que compõe o *Altar*.

No *Altar* estão *assentados*¹⁹ os *Elementos* e *Objetos* que são consagrados para a religião, e especificamente ligados aos fundamentos de iniciação do *Pai de Santo* da *Casa* com a *entidade*. Ao lado de cada um desses *santos* (chamados dessa maneira pelo *Pai de Santo*) encontramos *talhas* (vaso de madeira), *quartinhas* (vaso de barro) e *quartiões* (vasilha

¹⁹ **Assentados:** Aterrar, fundamentar, enraizar, manter permanente ou por certo período.

de barro), que devem conter um dos *Elementos* mais preciosos da vida para a religião, a água (Imagem 10).

Imagem 10 - Quartinha do Altar da D. Mariana, Terreiro Santa Bárbara, Santarém, PA.



Fonte: Autor (2012)

A água se faz presente em quase todos os rituais de Mina do Pará, quer seja no banho de iniciação de um filho de santo, quer seja na lavagem das guias (colares sagrados), quer seja no descarrego de maus fluídos. Dependendo de sua procedência (mares, rios, chuvas e poços), a água terá um emprego diferente nas obrigações, podendo concentrar uma vibração positiva ou negativa, conforme ela for utilizada nos rituais da religião (SILVA, 2013, p. 15).

Além dos rituais, o simbolismo das águas é encontrado nas *doutrinas*. O espaço das águas é, geralmente, citado como espaço de *encantaria* das entidades²⁰.

Para o *Pai de Santo*, o *Altar* é uma representação material e pessoal, simbolizando a captação de *energia* oriunda da natureza, ligado aos *Santos* correspondentes e sempre emanando *energias* e *força* para o *assentamento* e objetos sagrados como o *Ibá*²¹ (Imagem 11).

²⁰ No panteão da Mina, existem os chamados povos do fundo (botos, sereias, cobras), que vieram das profundezas dos rios, mares e que foram absorvidos dos cultos da pajelança cabocla amazônica.

²¹ Durante a pesquisa pude perceber que o *Ibá* é um dos objetos mais importantes do Terreiro, que está carregado de *elementos* significativos (tanto no que se refere aos aspectos externos e internos do objeto) que remetem a *entidade*. No entanto o *Pai de Santo* da Casa forneceu apenas informações sobre alguns desses elementos, pois, pelo fato de eu não pertencer ou ser iniciado na religião, são informações restritas que são ensinadas para os adeptos da religião por longos períodos de aprendizagem e culto às entidades.

Imagem 11 - Ibá da Cabocla. Mariana, Terreiro Santa Bárbara, Santarém, PA.



Fonte: Autor (2014).

No Ibá da Mãe Mariana dentro do que a religião me permite falar, temos elementos da natureza, búzios, barro, ferro, pedras semipreciosas que para Mãe Mariana são elementos de força e o sagrado são os búzios o peixe que representa água, a ancora que mostra força e as estrelas que é a ligação com os astros que ela tem, e claro também, dois remos, que representa as caboclas das águas da nossa região (Pai de Santo, explicando a composição do Ibá da C. Mariana, 2012).

No Altar da *Cabocla Mariana*, estão presentes outros *Elementos* e *Objetos* representativos como as velas, flores, perfumes, joias e tecidos, obedecendo as suas cores preferidas que no *Altar* do Terreiro Santa Bárbara podem variar entre vermelho, rosa ou amarelo. Fazem parte da composição do *Altar* cestos de palha e imagens de *entidades Caboclas* como o de seu *Ogum Rompe Mato*, *elementos* como *barro* e *pedras* e *assentamentos* referentes aos *espíritos* dos antigos *tuxauas* e das *Caboclas Dona Jarina e Dona Erondina, Seu Ubirajara, Seu José Tupinambá, Seu Flecheiro, Seu Pena Branca, Seu Pena Azul, Seu Pena Verde*. Esses *espíritos* representam a *força* e a *energia* da natureza ligada à *linha* indígena.

Nos *pratos* de *barro* estão presentes *Elementos* que remetem as *energias* da natureza, como a *água* que está ligada à *Cabocla Mariana*. No centro do *Altar* está *assentado* o *Ibá* da *Cabocla*, *Objeto* correspondente à presença da *entidade* na *Casa* que *liga* diretamente o *Pai de Santo* a esta *entidade*.

As velas que estão sempre ao lado da escultura da *entidade* na grande maioria são brancas, que segundo o *Pai de Santo* é usada para contatos com espíritos de Luz. As velas brancas servem para evocar fins nobres, assim como para obtenção de curas, paz, harmonia, milagres, e limpezas espirituais. Em outros momentos, pode-se usar a vela de cor rosa que remete aos assuntos amorosos, já que a *Cabocla Mariana* também tem o domínio sobre o assunto, surgindo como conselheira amorosa. Então, a vela rosa oferecida a *Princesa turca* pode fortificar relacionamentos afetivos e realizar os desejos do campo emocional.

Mãe Mariana é o Caminho da esperança, da paz, e harmonia. Mãe da esperança, que nos conduz nos caminhos difíceis da vida terrena, Ela nos dá as palavras certas, o conselho certo. Mãe Mariana só quer o nosso bem. Ela Cuida de pessoas que médicos já disseram que não tinha jeito, mas que na presença da Mãe Mariana encontraram a cura e estão perfeitamente bem, e eu tenho prova disso. (Pai de Santo, revelando a importância de C. Mariana. Santarém, PA. 2012).

As flores e perfumes são outros *Elementos* de importância que compõem o *Altar* da *entidade*. As flores por remeter proximidade com a natureza e o *belo*, que segundo o *Pai de Santo*, irradia alegria, alimentam as abelhas para produzir o mel que também tem um grande valor para a religião. Os perfumes formam também um *Elemento* importante para a *Cabocla Mariana*, pois se trata de enfatizar a *beleza e limpeza* do corpo, realçando a importância de estar limpo e agradável, que para o *Pai de Santo* “*uma das virtudes da Mãe Marina é estar sempre limpa e agradável para receber seus filhos*”.

No que concerne às joias, o *Pai de Santo* afirma que são de extrema importância para a *entidade*, principalmente por se tratar de uma *princesa* que deve ostentar *poder* e enaltecer a *beleza*. As joias como *símbolos* da riqueza também se tornam *Objetos* de *ligação* entre a *entidade* e seus *filhos* e adeptos da religião, por isso estão compondo o *Altar* da *Princesa Turca*. É um *símbolo* não só envaidecedor, mas que acrescenta valor à *entidade* “*afirmando a importância de ser filho de uma Princesa*”. O *Pai de Santo* ressalta que os tecidos que *enfeitam* o *Altar* e a roupa da *entidade* são ritualísticos, são panos vistosos, nas cores rituais, e também adornos, tais como brincos, pulseiras e anéis são signos visuais de identificação da *entidade*. A qualidade do tecido tem o mesmo *valor* ritualístico se comparado a outros *Elementos* e *Objetos* já citados.

Outro *elemento* presente no *Altar* da *Cabocla Mariana* (em especial no *Ibá*) é o *Egé*, o sangue. Uma vasta literatura já foi publicada sobre o sacrifício de animais nas religiões Afro-brasileiras, no entanto o que se vem percebendo que muitos argumentos e observações a respeito dos usos do *Egé* foram e ainda são carregados de noções equivocadas marcadas por preconceitos e argumentos desconectos com a prática religiosa.

O *Egé* é um elemento sagrado oriundo dos sacrifícios de animais, é um ritual muito delicado e de muita responsabilidade sendo efetuada pelas mãos especializadas do *Pai de Santo* com a ajuda de outros religiosos com igual conhecimento e responsabilidade. No caso do *Orô* da *Cabocla Mariana*, o ritual foi realizado pelo *Seu Boiadeiro*, entidade que *assentou-se* no *Pai Edivanei* para a realização desta cerimônia. No tópico 2.5 (*Orô* da *Cabocla Mariana*) descrevo com bastante respeito e sensibilidade parte desse momento sagrado para a *Casa*. Porque respeito? Pois se trata de um ritual restrito aos religiosos da *Casa*, que por vários motivos doutrinários e receio de outras pessoas tirarem conclusões equivocadas, a cerimônia é restrita ao público. O que descrevo foi justamente o que pude ter a permissão de observar, no entanto, para quem ali estava, foi nítido testemunhar toda a complexidade do ritual.

O sacrifício ritual foi marcado por muitas orações, preces, devoções e cânticos. Do momento que presenciei não escutei nem um som que se parecia estar maltratando um animal ou muito menos agindo com “selvageria”, o que pude constatar foi um momento de muito respeito com a vida, inclusive com os animais, o que muito difere dos matadouros e frigoríficos, que matam por uma lógica mercadológica. No *Orô*²² da *Cabocla Mariana* se celebrou a vida e as energias da natureza, materializadas nas pessoas e objetos consagrados pelas forças do *axé*.

2.2.2 A transformação do objeto para o *Objeto Sagrado*

Segundo o sacerdote responsável pela organização desse *Altar*, ao adquirir as imagens que representam tais entidades, o Terreiro traz para seu ambiente um novo “material”, que até então pertencia ao mundo “impuro”. As esculturas necessitam então renascer e adquirir novos sentidos nesse novo campo, o do *Sagrado*. Para que isso aconteça são acionados diversos rituais que são executados somente por aqueles religiosos autorizados pelas próprias divindades a fazê-los. Segundo informações concedidas pelo *Pai de Santo*, as imagens escultóricas adquiridas pelo Terreiro precisam ser *consagradas* e *imantadas energeticamente* por meio de *Axé*. Para isso, as esculturas que representam as *entidades/divindades* são lavadas com água do mar e demais *Elementos* que representam o *Axé* da *entidade/divindade* em questão. Logo depois são lavadas com ervas específicas que também variam de acordo com as peculiaridades de cada uma.

²² **Orô:** Sistemático processo ritual de oferendas e sacrifícios dedicados às entidades.

Após secar, as imagens são riscadas com *pemba* na parte inferior, rito normalmente realizado pelo *Pai de Santo*, finalizando o processo de *consagração da imagem*. Por meio desse ritual que se divide em etapas, esses *Objetos* adquiridos pelo Terreiro são transformados em *Objetos* para o mundo *Sagrado*, pois permanece, após esse processo e a partir dele, cheio da *força* mística da *entidade/divindade* que representa visualmente. Todo esse complexo e rico processo de transformações faz do *Altar* um espaço essencialmente importante para o Terreiro como um todo. O *Altar* torna-se o campo concentrador das *energias vitais* para o funcionamento social e mágico dos afro-religiosos, todas as ações e representações mais significativas para o grupo emanam desse espaço considerado, por isso, *Sagrado*.

Todas essas informações até aqui apresentadas servirão de base para os próximos tópicos que irei descrever. Trata-se dos preparativos da *festa a festa da Cabocla Mariana* onde vamos poder observar todo o complexo ritual e cerimonial acionado pelo grupo social. Como já havia citado no tópico inicial, esses anos de pesquisa serviram-me para compreender essa semana de *festa*. Posso dizer que foi observando essa semana que pude perceber meu potencial e também os meus limites como pesquisador – observador e pesquisador – sendo observado em um campo repleto de magia e segredos.

O tópico seguinte é a descrição inicial do primeiro momento dos preparativos para a homenagem maior que esta por vir, a *festa da Cabocla Mariana*. Nesse primeiro dia foi realizado um *toque* oferecido a *Exu*. Início o tópico com uma saudação a esta entidade, pois segundo o *Pai de Santo* Edivanei de Oyá, é *Exu* que abre nossos caminhos, pois a *Ele* foi dado o poder de abrir e fechar as *porteiros*, sendo também, o responsável pelo dinamismo dos bons fluidos das ações humanas e o comunicador dos nossos pedidos, assim agradando-o, primeiramente, é a garantia que tudo ocorra bem.

2.3 “LARÓYÈ EXÚ!”

19 de abril de 2014

Chego ao Terreiro por volta das seis horas da tarde do sábado de aleluia ofegante e transpirando bastante devido aos meus passos que parecem mais corridas aeróbicas, imaginando estar atrasado e lamentando por perder a oportunidade de presenciar o início do *toque* para *Exu*. Para meu alívio e não mais com sentimento de culpa, o *toque* ainda não tinha começado. O *Pai de Santo* da *Casa*, seu Edivanei de Oyá, está deitado em uma rede estendida

debaixo de uma mangueira localizada nas proximidades do *Barracão* onde acontecem os rituais, e ao contrário de mim não parece estar com pressa e muito menos atrasado.

Ao redor da rede do *Pai de Santo* estão outras pessoas sentadas em cadeiras brancas de plástico esperando o início do *toque*, aproximo-me do grupo e falo - *boa tarde! ou será boa noite? Nunca sei o que dizer quando são 18:00h* – as pessoas dão risadas e uma senhora muito simpática responde – *fica ao gosto do freguês* – e todos nós rimos novamente. Aproximo-me do *Pai Edivanei* que se encontra fumando um cigarro, parecendo estar bem relaxado e confortável onde está; peço sua bênção e ele imediatamente responde: *Mãe Mariana te abençoe*. Pergunto: *o senhor está muito cansado Pai?* – ele responde – *A meu filho... passei o dia inteiro andando no centro [centro comercial de Santarém], tô com as pernas doloridas de tanto andar procurando as “coisas” pra festa da Mãe Mariana*”.

De baixo da árvore as pessoas conversavam com o *Pai Edivanei*. Os assuntos são os mais variados, como novidades noticiadas no jornal local, o aumento do preço dos alimentos da cesta básica, sobre os constantes assaltos que estão acontecendo na cidade e as novidades da nova novela exibida na TV. Outros assuntos mais próximos a eles também surgem, como o de uma pessoa do ciclo religioso que está doente. Pela conversa percebo que estão se referindo a um *filho de santo* que não cumpriu com certas *obrigações* com sua *entidade* e como consequência acabou ficando *doente*. Fofocas, piadas, risadas vão se desencadeando, mas o assunto do dia é a festa de aniversário de um ano da filha (biológica) do *Pai de Santo* realizado na noite anterior. Estão comentando dos convidados que comeram demais, os que pegaram mais brindes da aniversariante, e sobre os *penetras* que apareceram na festa. Após, cerca de uma hora de conversa comigo e com as pessoas que estão em volta da rede, o *Pai Edivanei* levanta-se e fala aos *filhos de santo da Casa* (que nesse tempo estão chegando aos poucos) – *Borá! Borá! Todos tomando banho já, já começa o toque*.

Continuo sentado na cadeira debaixo da mangueira. Observo o movimento dos *filhos de santo* que vão chegando à *Casa* e se direcionam para trás de uma maloca de onde estão saindo *banhados* e vestidos com as indumentárias adequadas para o ritual. Após trinta minutos acompanhando a circulação dos *filhos de santo* pelo Terreiro, vejo Dona Cleide (esposa do *Pai Edivanei*) entrar no *Barracão* com a filha no braço e, em seguida o *Pai Edivanei* reaparece vestido com as indumentárias para ritual. Ele entra no *Barracão* usando um *ójá* de cabeça de cor branca, calça e bata dourada, transpassada pelo pescoço uma *guia de caboclo* alternando as cores em preto e vermelho. Depois de presenciar toda essa movimentação no Terreiro. Entro no *Barracão* junto com as pessoas que estão debaixo da mangueira e outras que também vão chegando neste momento.

Na parte interior do *Barracão*, sento de frente para os *atabaques* porque considero o melhor local de observação dos *festejos*, porque ao lado dos instrumentos fica a porta por onde o *Pai* e os *filhos de santo* da *Casa* entram cantando e *baiando*. Antes do *toque* ser iniciado, aproveito o tempo para fazer umas fotos do *Altar* da *Cabocla Mariana*.

Na composição do *Altar* há cestos de palha e imagens *Sagradas* como o de seu *Ogum Rompe Mato*, das *Caboclas*, *Dona Jarina* e *Dona Erondina*, *Seu Ubirajara*, *Seu José Tupinambá*, *Seu Flecheiro*, *Seu Pena Branca*, *Seu Pena Azul*, *Seu Pena Verde*. Essas entidades representam a *força* e a *energia* da natureza e estão *ligadas* à *linha* indígena. Nos *pratos* de barro estão presentes *Elementos* que também representam as *energias* da natureza, como a água que está diretamente *ligada* à *Cabocla Mariana*. No centro do *Altar*, está *assentado* o *Ibá* da *Cabocla*.

Para esse *toque* de *Exu*, estão presentes no *Altar*, além dos *Objetos e Elementos* elencados anteriormente, velas brancas e quatro garrafas de cerveja colocadas em frente ao *Ibá*. No momento em que eu estou fotografando o *Altar*, o Luiz (um dos *filhos de santo* da *Casa*) se aproxima do *Altar*, acende uma vela branca, pinga três gotas da cera derretida num dos degraus e a coloca no *Altar* próximo a uma das garrafas de cerveja; em seguida, ajoelha-se e faz uma oração em voz baixa. Pergunto para o Luiz – *por que essas cervejas estão aí?* [no *Altar*] e ele me responde – *é uma oferenda para Exu*. Depois do Luiz, outros *filhos* da *Casa* executam as mesmas ações realizadas por ele: acendem velas e rezam. Dessa maneira a cena vai se repetindo entre todos os *filhos* que estão presentes no Terreiro (Imagem 12).

Imagem 12 - Filho de Santo acedendo vela e rezando em frente ao Altar.



Fonte: Autor (2014).

Finalizando essa sequência começa-se a ouvir, vindo do interior do *Barracão*, o som do *adjá de três bocas* chacoalhado pelas mãos do *Pai Edivanei*, e o estrondo dos *atabaques* tocados pelos *Ogãs*, seguido das vozes e palmas dos *filhos* de santo *entoando* a seguinte cantiga: *Tô defumando tô incensando a casa do bom Jesus da lapa*. Esse ponto cantado pelo *Pai de Santo* marca o início dos *trabalhos* nessa noite.

Eu estou sentado no local que considero especial e vejo o *Pai de Santo* atravessar o *Barracão* indo em direção à porta de entrada da *Casa* (Imagem 13), ele toca no batente da porta com a mão direita e a leva à cabeça, na sequência, todos os *filhos* repetem a mesma ação e vão se posicionando na frente dos *atabaques*. Em seguida, outros *pontos* são *entoados* pelo *Pai de Santo* para saudar a Umbanda como:

A Umbanda cheira a rosa
a rosa cheira a Guiné
Vamos defumar a Umbanda
com nove anjos do céu

Imagem 13 - *Pai Edivanei* de Oyá incensando a entrada do *Barracão*.



Fonte: Autor (2014).

Após os *pontos* de saudação à Umbanda, inicia-se a saudação a *Oxóssi* uma das *sete linhas* da Umbanda. Entre os *Caboclos* presentes nesta *linha* estão *Seu Urubatão*, *Seu Araribóia*, *Seu 7 Encruzilhadas*, *Dona Jurema* e *Seu Jaguari*.

A meu pai Oxóssi
peço licença para defumar
eu defumo, eu defumo
essa aldeia, real...

A próxima *linha* saudada é a *linha de Ogum*, trabalham nessa *linha Ogum Beira mar*, *Ogum Iara*, *Ogum Megê*, *Ogum Rompe Mato* e *Ogum Naruê*.

Oh meu São Jorge
Veio de lança na mão
Montado em seu cavalo
Pra matar o dragão
Ele é chefe da demanda
Protetor dos filhos de Umbanda
Salve, salve meu São Jorge guerreiro

Finalizando os *pontos cantados* referentes à *abertura da gira* e às *linhas* da Umbanda cultuadas pelo *Terreiro* do Pai Edvanei, dá-se início aos *pontos* e as *doutrinas cantadas* destinadas a *Exu*. *Laróyé Exú!* - é a saudação que o *Pai* de santo faz e todos os *filhos da Casa* a uma só voz também repetem *Laróyé Exú!* e *puxam o toque*:

Girou Exú Gira-Mundo
Girou, girou
Pomba Gira que vence demanda
Rainha da encruza
Saravá Umbanda

Muitos gritos fortes e alegres de saudação ecoam pelo *Terreiro* - *Laróyé Exú!* Em seguida, outro *ponto* é *puxado*, mas agora para chamar a *entidade Maria Padilha*, a *Pomba Gira* do *Pai de Santo da Casa*:

Macumba sem Exú não existe
Macumba sem Exú não há
Procura com uma vela acesa
Igual Maria Padilha ninguém vai encontrar

As saudações seguem um crescente e ficam cada vez mais intensas: *Laróyé Exú! Laróyé Exú! Laróyé Exú!* Nesse mesmo instante, ao som das vozes entusiasmadas dos *filhos de santo*, o corpo do *Pai de Santo* começa a tremer sem controle, com as mãos nos joelhos ele tenta manter-se equilibrado para não cair no chão. Parece estar *recebendo* algo muito forte sobre seu corpo que vai dominando-o por completo. Os *filhos* que estão *baiando* começam a saudar com mais intensidade - *Laróyé Exu! Saravá! Maria Padilha!* Está claro para mim, e para as pessoas que estão assistindo a *gira*, que se trata da *Pomba gira Maria Padilha* que *incorporou* no *Pai Edivanei*. A entidade inicia um belo balé, seus movimentos corporais são coreograficamente articulados aos sons dos instrumentos rituais e os *Ogãs* a saúdam com o *ponto*:

Deu Meia-noite. A lua se escondeu.
Lá naquela encruzilhada, dando a sua gargalhada
Tranca-Rua apareceu. É laroiê! É laroiê! É laroiê!
É mojubá! É mojubá! É mojubá.
Ela é odara e quem tem fé nessa Morada
É só pedir que ela dá.

O comportamento do *Pai de Santo* já não é o mesmo do início da *gira*, a feição do seu rosto mudou, e novos trejeitos estão surgindo, sua voz foi alterada e o sotaque também. O tratamento dispensado as pessoas é feito de uma maneira diferente. Surgem gestos mais sutis e delicados carregados de sedução e simpatia. Todas as pessoas que estão na *gira* a cumprimentam com abraços e beijos, a partir de então já não é mais o *Pai Edivanei* que está no *Barracão*, e sim *Maria Padilha*, que cumprimenta a todos com um sorriso afetuoso.

Abre a roda! Deixa Maria Padilha passar
 Ô abre a roda! Deixa Maria Padilha passar
 Ela tem peito de aço e o coração de um sabiá

Enquanto *Maria Padilha* dança seu *ponto*, os *filhos de santo* da *Casa* vão incorporando seus *Exus*. *Laróyè Exú!* seguem ecoando pelo *Barracão*. Nesta noite vejo os *Exus Tranca Rua*, *Pombajira Maria Mulambo*, *Pombajira Cigana*, *Pombajira Sete Rosas* e outros que não consigo identificar. As entidades cantam, dançam, conversam com as pessoas que estão assistindo ao *toque*, e escutam os pedidos dos devotos. Sempre com um copo de *pumosa* na mão ou fumando um *pitu*, as *entidades* desfilam deslumbrantes pelo *Barracão*, com as indumentárias confeccionadas em tecidos coloridos e lantejoulas brilhantes (Imagem 14).

Imagem 14 - Poma Gira Maria Padilha.



Fonte: Autor (2014).

Passando um pouco mais de três horas de *toque*, os *Exus* começam a se preparar para *subir*. As entidades vão se despedindo do público presente enquanto os *Ogãs* visivelmente exaustos dão início aos *toques* de despedidas. Uma por uma, obedecendo aos *toques* os *Exus* vão *subindo*, sendo a última a deixar o *Barracão* a *Pomba Gira Maria Padilha*.

Percebendo que o *Pai de Santo* não está mais *incorporado* e tendo recuperado o domínio do seu corpo, aproximo-me dele e pergunto - *Pai qual a relação do toque para Exu com a festa em homenagem a Cabocla Mariana*, ele responde:

Meu filho não se pode fazer nada sem antes que Exu seja reverenciado, pois Ele é a energia que precisa ser equilibrada para que haja comunicação entre o mundo humano e o Sagrado mundo das Entidades e das coisas espirituais. Para que tudo dê certo na homenagem a Mãe Mariana, devemos pedir licenças a Exu. É Ele quem vai abri nossos caminhos.

No tópico seguinte descrevo uma reunião do *Pai de Santo* com os *filhos da Casa*, na qual trataram sobre os preparativos do *Orô da Cabocla Mariana*, para minha surpresa essa reunião não foi dirigida pelo o *Pai e Santo*, mas sim pela própria entidade a *Cabocla Mariana*. Por *ela* foi dado as ordens e distribuídas as tarefas de cada *filho de santo* para a realização do ritual.

2.4 REUNIÃO DA CABOCLA MARIANA COM OS FILHOS DA CASA

24 de abril de 2014

Às 15:30h, chego ao Terreiro em companhia da minha colega de pesquisa Beatriz, o movimento de *filhos de santo da Casa* e de outras pessoas que chegam e saem do Terreiro está bem a cima dos outros dias que eu havia presenciado até aquele momento. Alguns *filhos* estão limpando a área externa do *Barracão*, outros lavando as *anáguas*, outros cozinhando e, o seu Augusto com uma máquina de costurar finaliza a roupa que a *Cabocla Mariana* vai usar no *festejo*.

O *Pai* Edivanei deitado em uma rede de baixo da Mangueira conversa com um *cliente* e parece está *lhe receitando* alguma coisa. Estou a poucos metros de distancia deles esperando terminarem a conversa para poder me aproximar e cumprimentá-los. O *Pai de Santo* acabou de atender sua *cliente* e faz um sinal com a mão pedindo para me aproximar. Vou à sua direção e falo - *bênção Pai* - ele responde - *Mãe Mariana te abençoe*. Converso um pouco com o *Pai de Santo* sobre os preparativos da *festa*; pergunto sobre o cardápio que será servido e ele me responde dizendo que não vai faltar *manicoba*. Realmente não vai faltar, pois

todos que entram no Terreiro se deparam com uma panela enorme cheia de *maniçoba* fervendo, que exala o seu cheiro por todo o espaço.

Seu Augusto nos interrompe chamando o *Pai Edivanei* para que ele veja como está ficando a roupa da *Cabocla Mariana*, *Pai Edivanei* me convida para olhar também. Observo toda a delicadeza e criatividade da costura e o bordado do tecido rico em detalhes com pedras verde esmeralda e lantejoulas pratas, que contrastam com o verde musgo do tecido, formando o pano da costa que cobrirá a parte superior da roupa da *Cabocla*. A saia da *entidade* é azul claro, com a barra em bordado de lantejoulas de cor prata.

Já são 19:00h, o *Pai Edivanei* avisa-me que em poucos minutos dará início à reunião para os preparativos do *Orô da Cabocla Mariana*, a ser realizado no dia seguinte. Com a sua permissão, vou poder presenciar a reunião.

O *Pai de Santo* entrou no *Barracão*. Eu estou do lado de fora não sei o que está acontecendo no interior da *Casa*. *Nossa que susto!* – foi a minha reação ao ser surpreendido pelo Zumbi (nome de um dos sete cachorros de estimação do *Pai Edivanei*) o cachorro passou por mim correndo e entrou no *Barracão*. Dona Cleide encontra-se ao meu lado, ela está dizendo - *Mãe Mariana acabou de chegar*. Sem entender seu comentário, pergunto como ela tem certeza de que a *entidade* tinha *descido* naquele momento, pois nós todos estamos na parte externa do *Barracão* e não temos visão do que acontece na parte interna da *Casa*. Dona Cleide responde - *tu não viu o Zumbi correndo? Ele só corre assim pra dentro do Barracão quando sente que Mãe Mariana tá chegando, ele sente antes da gente*.

Ao comando da *entidade* todas as pessoas que estão na parte externa começam entrar no *Barracão*, inclusive Beatriz e eu. A *Cabocla Mariana* encontra-se sentada na poltrona forrada de tecido brilhante e colorido. Elegantemente, ela toma sua *pumosa* e fuma seu *pitu* e nós nos colocamos a sua volta, sentados em cadeiras brancas de plástico, escutando suas orientações. O que eu presenciei foi uma reunião dirigida pela própria *Cabocla Mariana* com os *filhos de santo* da *Casa*. *Ela desceu* no Terreiro para informar como deve ser realizada sua *feita* e, para determinar as funções de cada *filho* e a ordem dos *cortes* do seu *Orô*.

A *Cabocla* informa que no dia seguinte todos os *filhos* precisam chegar no Terreiro na parte da manhã. Logo cedo, eles deverão ir no *mato* colher as *ervas frias* e as *ervas quentes* para serem *catadas* a tarde. Ao meio dia acontecerá o *preparo* do *banho de descarrego* e o *banho de cheiro*, e quando for duas horas da tarde terá início o *Orô* propriamente. A *Cabocla* também determina que o primeiro *corte* seja para o *Seu Ogum Rompe Mato*, o seguinte para *Seu Zé Mineiro* e o terceiro para *Ela* mesma; na sequência o *corte* será para os - *compadres e as comadres* (Dona Mariana se referindo aos *Exus* e *pombas giras* da *Casa*). Para o *corte*,

todas as *entidades* citadas vão receber *bichos de pena*, com exceção do *Seu Ogum Rompe Mato* que além de receber *bicho de pena* vai ganhar também um *bicho de caça*. Ao final da reunião, a *Cabocla Mariana* chama a atenção dos *Ogãs* alertando-os para as responsabilidades deles nesse *Orô*, pois os mesmos devem saber das consequências, caso falhem com as suas atribuições.

Para finalizar, a *Cabocla Mariana* pega graciosamente sua taça com *pumosa*, toma mais um pouco, termina de fumar o seu *pitu* e fala:

Não vai ser preciso repetir né? Quem vai receber *corte*, quais folhas serão necessárias, quais comidas serão feitas, quem vai arrumar as coisas do *Orô*, com mel, dendê, sal, folhas, quem vai deixar as facas amoladas, os laços que serão usados, quem vai verificar se colocou água no fogo antes, para o *preparo* dos bichos. Não vou repetir né? Já tá todo mundo bem barbado.

No tópico seguinte, apresento o dia do *Orô*, esse é um ritual muito importante para a *Casa*, foi o dia em que o *Pai de Santo* e seus *filhos alimentaram* suas entidades e renovaram as energias espirituais. Esse ritual é restrito ao público, pois segundo o *Pai Edivanei* é um momento que requer muita concentração e dedicação onde se exige muito respeito, e compromisso com a religião. Considerei esse ritual como um momento de renovação e confirmação da materialidade do sagrado, que pelas práticas rituais auto-afirmaram o elo do grupo religioso com o espiritual.

2.5 ORÔ DA CABOCLA DONA MARIANA

25 de abril de 2014

Hoje é sexta feira, véspera da *feita* em homenagem a *Cabocla Mariana*, dia do *Orô*²³. Chego por volta das duas horas da tarde no Terreiro. Encontro o *Pai Edivanei* na maloca conversando com alguns *filhos de santo*, enquanto outros cuidam da *maniçoba*, que está sendo preparada em um fogareiro construído a partir das carcaças de uma geladeira. Seu Augusto e a Dona Cleide, cada um em uma máquina de costura, finalizam os detalhes das roupas que serão usadas na *feita*.

O movimento das pessoas no Terreiro está em ritmo acelerado. A parte externa do *Barracão* está praticamente organizada a espera do início do *Orô*, com muitas ervas, folhas, cascas de madeiras, tudo ordenado em cima de uma grande mesa. Os animais para o *corte* estão presos em uma caixa de plástico colocados em frente a *casinha* do *Exu* (Imagem 15).

²³ **Orô**: Sistemático processo ritual de oferendas e sacrifícios dedicados às entidades.

Imagem 15 - Filho de Santo organizando as folhas que serão usadas no ritual.



Fonte: Autor (2014).

Vou em direção à maloca, cumprimento todos os presentes, me aproximo do *Pai Edivanei* e peço sua benção, ele responde - *Mãe Mariana te abençoe*. Comento que a maniçoba está com um cheiro muito bom e que parece gostosa, o *Pai Edivanei* me interrompe respondendo - *não parece não, ela tá é boa de comer*. Conversamos um pouco sobre as coisas da festa, o *Pai Edivanei* me conta que o preparo das ervas quentes e frias para os banhos estava quase no fim e que só faltava ir ao mercado comprar as morangas e frutas para compor a alimentação do Altar: - *Só to esperando alguém chegar com um carro pra me levar no mercado pra vê essas coisas que estão faltando*. Não demorou 20 minutos para que a Telma, minha outra colega do grupo de pesquisa, chegasse ao Terreiro e como estava de carro, aproveitei para perguntar a ela se poderia ajudar o *Pai Edivanei* com o transporte dos preparos que estavam faltando, ela gentilmente colocou-se a disposição e nos levou ao mercado.

No caminho até a feira, aproveito o momento para perguntar um pouco mais sobre a importância das ervas para diferentes rituais religiosos - *meu filho essas ervas servem pra banho, pra obrigação, tudo leva erva meu filho, tudo, tudo*. Prossigo perguntando quais ervas serão usadas no *Orô da Mãe Mariana* - *tem lacre, tem a mirra do campo, das duas qualidades da branca e da rocha, tem manjerição, pau de angola, incenso de Jurema, erva cidreira, pataqueira, algumas eu tive que pegar no mato e outras eu já tinha em Casa*. Mas o que são exatamente ervas quentes e ervas frias, continuo indagando - *meu filho as ervas frias*

pode usar elas amaceradas (esfregadas a mão ou batidas ou pisadas) as ervas quentes são ervas muito fortes que tem que ser cozida, mas também tem ervas quentes que podem ser amaceradas, mas vai depender pra que ela vai ser usada.

Chegando à feira o *Pai de Santo* vai direto ao boxe onde estão sendo vendidas as morangas. Durante algum tempo ele se dedica a escolher atentamente a melhor moranga. Depois de pegar numa e noutra ele acaba encontrando uma com um formato que faz lembrar muito nitidamente uma coroa. Ele pede então que a vendedora escolha cinco morangas com aquele mesmo formato. Isso resolvido, ele vai em direção aos outros boxes e compra: quatro mamões, quatro abacaxis, duas melancias e meia dúzia de batata doce da branca (Imagem 16). Algum tempo depois, pegamos as sacolas, colocamos no carro e voltamos para o Terreiro.

Imagem 16 - Pai Edivanei escolhendo frutas no mercado.



Fonte: Autor (2014).

De volta ao Terreiro, o *Pai Edivanei* pediu para Luiz preparar o *banho de ervas frias*, e para as duas meninas que estão na *Casa* se *iniciando* na religião, iniciarem a decoração do *Barracão* com flores de papel que o próprio *Pai de Santo* havia confeccionado. Após distribuir as tarefas, *Pai Edivanei*, se ocupa com a depilação do seu rosto. Ele esta tirando a barba com cera quente de abelha porque considera o melhor método para depilação. Eu pergunto - *isso não dói Pai?* E ele afirma que não - *ixi! Já estou acostumado. Amanhã Mãe Mariana vai estar com o rosto bem lisinho.*

Enquanto o *Pai de Santo* termina de tirar a barba, seu Augusto começa a preparar a limpeza do *Altar da Cabocla Mariana*. Eu fico surpreso ao vê-lo manipulando o *Altar* e vou discretamente perguntar ao *Pai de Santo* porque seu Augusto está limpando o *Altar* e não ele - meu filho ele incorpora seu Sultão, ele faz parte da esquadra da encantaria da Mãe Mariana e é muito ligado a Ela. Mas tem algumas coisas que só eu posso fazer, por enquanto ele [seu Augusto] só tá limpando e ajudando na alimentação do *Altar*.

Reparo que seu Augusto está com os cabelos molhados e cheira a ervas, um cheiro adocicado e forte de mato verde, o que indica que havia se *banhado*. Aproximo-me para ver de perto como ele manipula cada um dos *objetos sagrados* que compõem o *Altar* (Imagem 17).

Imagem 17 - Início da alimentação do *Altar*.



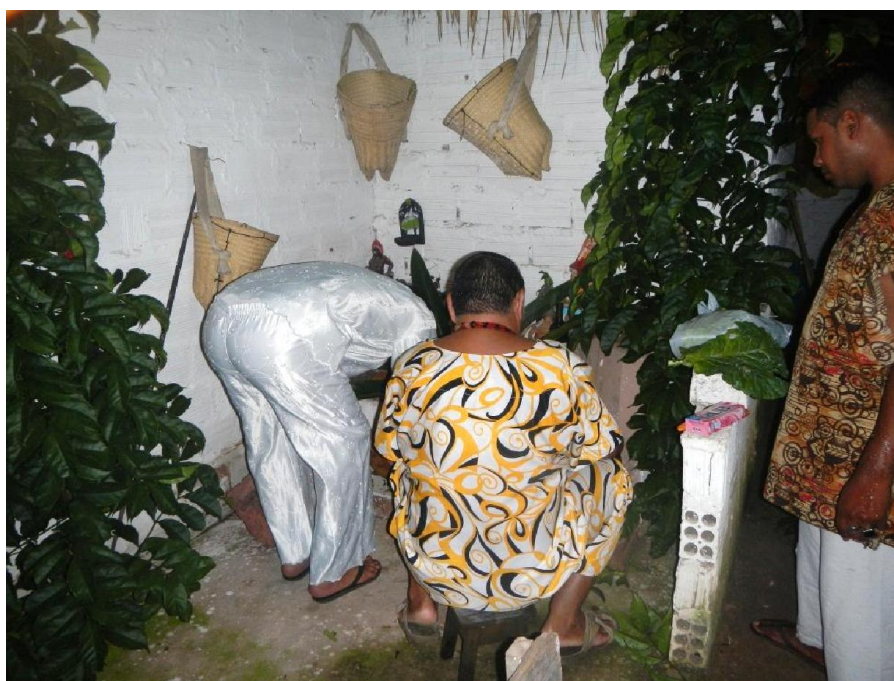
Fonte: Autor, 2014.

Seu Augusto desce as *quartinhas* que estão no *Altar*, dando *batidinhas* nos *objetos* antes de tirá-las do lugar. Ele pede para um dos *Ogãs* banhar os *objetos* com as ervas preparadas pelo Luiz. Esse processo vai se repetindo com todas as louças que estão no *Altar*: as *quartinhas*, *alguidares*, *pratinhos* e *copos*, todos estão sendo devidamente *limpos* e *lavados* com as infusões de ervas. O *Pai de Santo* reaparece, ele está vestindo roupas brancas e exala um cheiro muito parecido com o do seu Augusto. Percebo que o *Pai de Santo* toma o comando no processo de *alimentação* do *Altar*. Ele ordena aos *Ogãs* para começarem a trazer os *alimentos*.

Primeiro, estão sendo *preparadas* as morangas, pré-cozidas e cortadas na parte superior. O *Pai* Edivanei com uma colher raspa as morangas para tirar as sementes, em seguida ele as recheia com milho cozido e por cima do milho vai colocando paus de canela. Para finalizar, as morangas são colocadas em *pratos* de barro, forrados por folhas verdes.

Nos *alguidares*, o *Pai de Santo* e seu Augusto organizam as frutas. No centro do *alguidar* é colocada uma melancia cortada ao meio em forma de coroa. A fruta é preenchida com outras frutas como maçãs, uvas, caquis e mamões. Em outros pratos estão os melões e cupuaçus. Para fechar a composição enormes folhas verdes são colocadas em volta dos *alguidares* (Imagem 18).

Imagem 18 - Alimentado o altar.



Fonte: Autor (2014).

Seu Augusto terminando de *preparar* as frutas pede aos *Ogãs* para pegarem os *preparos* para *alimentar* o *Ibá da Cabocla Mariana*, mas o *Pai* Edivanei o interrompe dizendo - *Não! a Mãe Mariana só vai comer amanhã!* Em contraposição ao *Pai de Santo*, seu Augusto responde: - *Mas Pai ela vai ter que comer hoje, foi à própria Dona Mariana que pediu para ser alimentada hoje, junto com todos os Caboclos.* O *Pai de Santo* fica calado por alguns segundos, e em seguida, atendendo as ordens da sua *Entidade* vai buscar os *produtos* para *alimentá-la*.

O *Pai de Santo* reaparece no espaço do *Altar* com os *alimentos* e um pote de barro médio. Seu Augusto pega o pote e com uma cuia vai colocando dentro do pote os *banhos* de

ervas. Ele *tempera* o pote com *azeite doce*, mel, óleo de dendê, vinho tinto, champanhe, açúcar e sal, esses são alguns dos *elementos* que eu consigo identificar. O *Otá*, do *Seu Rompe Mato* e do *Seu Zé Mineiro*, também estão sendo *alimentados* com esses *elementos*.

Com o pote já *temperado*, se inicia a *alimentação* do *Ibá*. Seu Augusto faz uma pergunta, - *Pai, Ela come em cima do pote?* - *sim*, responde o *Pai de Santo*. O *Pai Edivanei* em reverência ajoelha-se em frente ao *Altar* e faz uma oração em voz baixa, em seguida tira o *Ibá* do *Altar* e o coloca em cima do pote *temperado*. O *Pai Edivanei* abre o *Ibá* e vai colocando dentro os mesmos *elementos* que *temperaram* o pote, mas com um *elemento* a mais: folhas da *pataqueira*, a planta que nasce às margens dos igarapés.

Imagem 19 - *Ibá* à espera do alimento.



Fonte: Autor (2014).

Seu Augusto acende velas brancas e vai colocando-as ao lado de cada *alimento* oferecido às *entidades*; uma vela de sete dias e sete noites também é acesa no meio do *Altar*. O *Ibá* continua aberto. Percebo que ele ficará exposto até que finde por completo o *Orô* (Imagem 19). Ressalto que no *Ibá* da *Cabocla Mariana* estão presentes outros *fundamentos* que são de conhecimento apenas do *Pai de Santo* e que não são revelados a ninguém.

O *Pai de Santo* olha para a parte externa do *Barracão* e pede para um dos *Ogãs* pegar um dos patos que estão soltos pelo Terreiro: - *meu filho pega um pato desses aí e prende eles junto com os outros pra ser usado também no Orô..* O *Ogã* pega o pato e prende junto com os outros animais. Seu Augusto e todos os *filhos de santo* da *Casa* entraram no *Barracão*, ficando do lado de fora Telma, eu e outras poucas pessoas do círculo de amizade do *Pai de Santo*. Do lado de fora do *Barracão* escuto palmas e gritos de saudação a alguma *entidade* que chegou naquele instante. A pedido dessa *entidade*, Dona Cleide se encaminha para a área externa e fala - *é pra vocês entrarem*. Todos que estão do lado de fora entram no *Barracão*. Dentro do *Barracão* eu observo a *entidade* puxar um *ponto cantado*:

E de lá vem vindo. E de lá vem só
E de lá vem vindo a força maior
E de lá vem vindo Boiadeiro. E de lá vem só
Chega trazendo a força maior

Com o *ponto cantado* é possível identificar a *entidade* que baixou, se trata do *Seu Boiadeiro* que incorporou no *Pai Edivanei*. Terminando de entoar o *ponto*, *Seu Boiadeiro* passa a saudar todos os presentes, ele levanta as mãos e fala - *boa noite! Saravá! A entidade* vai em direção ao *Altar* e o saúda dizendo - *Saravá! Tá bonito isso aqui*. Em seguida caminha até a *casinha* do *Exu*. Do local onde estou não consigo vê-lo, mas posso escutá-lo dando saudações: - *Xêtro Caboclo! Xêtro Maro Ma Xetro*.

Após as saudações, escuto *Seu Boiadeiro* chamar seu Augusto e os *Ogãs*. Ele pergunta - *meus filhos quais são os bichos pra ser cortado? quem é as entidades que vão comer?* escuto seu Augusto falando - *Seu Boiadeiro Dona Mariana falou...* de repente não escuto mais a voz a do seu Augusto, mas sons de “*Í há... Í há*” ... tudo indica que o seu Augusto acabou de ser incorporado por alguma *entidade*. *Seu Boiadeiro* nos saúda dizendo - *Hé balu baxê!* Eu pergunto a uma das *filhas* da *Casa* quem é o *Caboclo* que chegou - *é o Seu Sultão*. Como seu Augusto está incorporado, escuto um dos *Ogãs* passando as informações para o *Seu Boiadeiro* sobre a ordem dos *cortes*. Começo a escutar os sons de faca sendo amoladas. Imagino que a movimentação em frente à *casinha* do *Exu* está grande devido o entra e sai dos *filhos de santo* no *Barracão* para buscar coisas pedidas pelas *entidades*. Telma, eu e as outras pessoas permanecemos sentados no interior do *Barracão* apenas ouvindo os sons dos movimentos que ocorrem em frente à *casinha* do *Exu*.

Ouçõ vários sons de animais. *Seu Boiadeiro* entra no *Barracão* e pede para todos ficarem de pé e descalços - *agora só tenham pensamentos positivos, peçam força, saúde e proteção. Tenham Fé!* Em obediência à *Entidade* nos colocamos todos de pé e descalços. As pessoas permanecem de olhos fechados e aparentam estar concentradas nas palavras da

Entidade. Para completar a nossa meditação, o ambiente é sonorizado pelas vozes do *Seu Boiadeiro* e dos *filhos de santo* que *entoam* o *ponto* na frente da *Casinha do Exu*.

Ogum já venceu, Já venceu, já venceu
Ogum vem de Aruanda. E quem lhe manda é Deus
Ele vem beirando o rio. Ele vem beirando o mar
Ô salve Oxóssi da calunga. Benedito e Beira Mar

Os *filhos* acompanham *Seu Boiadeiro* com palmas e repetindo os versos do *ponto*. Outro *ponto* é *entoadado* pela *Entidade* em saudação à *Ogum*. Percebo que a ordem dos cânticos entoados está obedecendo às orientações da *Cabocla Mariana* para este *Orô*.

Filho de Pemba bebe água no rochedo,
Filho de Ogum corre campo e não tem medo.
Filho de Pemba bebe água no rochedo,
Filho de Ogum corre campo e não tem medo.
Vou pedir ao Criador, que derrame o Seu Amor,
Aos nossos Guias e ao nosso Babalaô

No final do *ponto* *Seu Boiadeiro* faz uma saudação: - *Salve Ogum!* Os *filhos* respondem - *Ogunhê Meu Pai!* Outro *Cântico* é entoadado, mas esse musicalmente é cantado pelo *Seu Boiadeiro* de maneira mais suave e calmamente rimado, os *filhos de santo* respondem os versos em uma só voz. Tudo que ouço me faz sentir como num recital com vozes à capela.

Ejé xororô Ejé unpá ô
Ejé xororô
Seu Ogum unpá ô
Ejé xororô Ejé unpá ô
Ejé xororô
Seu Ogum unpá ô

Ouçó *Seu Boiadeiro* falando - *Ô Ogunhê! Senhor Ogum nos guie nessa caminhada!* Os *filhos* continuam cantando em coro, mas agora também estão batendo palmas. *Seu Boiadeiro* continua falando:

Paz e sossego, Paz e tranquilidade, Caminhos e estradas abertas. Caminhos de felicidades, Muita saúde! Paz e felicidade em família, Muitas felicidades!

Seu boiadeiro entra novamente no *Barracão* - *meus filhos agora vocês já podem vim pra cá* [para frente da *Casinha do Exu*] *vamos cantar pra Exu, é hora de fazer muita vibração, muitos pedidos e permissão pra abrir os caminhos de vocês.* Dona Cleide em seguida fala: - *vamos gente! Podem sair, mas fiquem descalços.*

Na frente da *casinha do Exu* *Seu Boiadeiro* faz saudações - *Laróyè Exú! Laróyè Pomba Gira!* Todos batem palmas. Percebo que alguns rituais de *alimentação* já foram realizados, pois a porta da *Casinha* está entreaberta e vejo muitos *alguidares* com *comidas*. *Seu Boiadeiro* começa *entoar* um *ponto*:

Sinhá Pomba-gira
 Vem tomar xôro-xôro.
 Dona Onze Vem tomar xôro,
 Vem tomar xôro-xôro Dona Onze vem tomar xôro.
 Dona Léguas vem tomar xôro-xôro, Dona Léguas vem tomar xôro
 Dona Rosinha vem tomar xôro-xôro, Dona Rosinha vem tomar xôro

Seu Boiadeiro entra na *Casinha* do *Exu* acompanhado dos *Ogãs* e *Seu Sultão*.

Dentro da *Casinha* eles cantam:

Ejé xororô Ejé unpá ô
 Ejé xororô
 Dona Onze é unpá ô
 Ejé xororô Ejé unpá ô
 Ejé xororô
 Dona Onze é unpá ô

Esse *cântico* mais uma vez é *entoado* e vai repetidamente sendo cantado pelos *filhos* com a mesma sonoridade musical aveludada. Percebo que esse *cântico* é *entoado* toda vez que alguma entidade é *alimentada*. *Seu Boiadeiro*, em voz alta e em tom de felicidade diz: - *Ê! Pombo Jira! Laróyè Dona Onze! Muitas felicidades para seus filhos. Abre nossos caminhos, sucesso, prosperidade para nós!* Em seguida todos batem palmas. Compreendo que quando o *alimento* é aceito pela a *Entidade* todos os *filhos* batem palmas e cantam mais entusiasmados. Ainda dentro da *Casinha* do *Exu*, *Seu Boiadeiro* começa a saudar outra *Pomba Gira*: *Maria Padilha*. Ele fala - *Laróyè Maria Padilha!* Em seguida *puxa o ponto cantado*:

Macumba sem Exú não existe
 Macumba sem Exú não há
 Procura com uma vela acesa
 Igual Maria Padilha ninguém vai encontrar

Outro *ponto* é *entoado* para saudar *Maria Padilha*:

Eu vi Maria Padilha sentada no roseiral
 Não sei se Ela fazia o bem, não sei se Ela fazia o mal.
 Eu vi Maria Padilha sentada no roseiral
 Não sei se Ela fazia o bem, não sei se Ela fazia o mal.

Ao fim desse *ponto* Dona Cleide novamente ordena para nós entrarmos no *Barracão*. *Seu Boiadeiro*, *Seu Sultão* os *Ogãs* e os *filhos* de *santo* seguiram para o *Altar* da *Cabocla Mariana*. Mais uma vez escuto a movimentação que ocorre na parte externa do *Barracão*. No espaço onde está localizado o *Altar*, o *Seu Boiadeiro* pede para que um dos *Ogãs* providencie os *alimentos quentes* e uma *vela sete encruzilhadas*. Após esse pedido todos que estão no espaço do *Altar* fazem um longo silêncio.

Agora ouço sons de palmas. *Seu Boiadeiro* está pedindo que levem para ele uma bacia de água, o banho de cheiro e todos os *preparados* para finalizar a alimentação do *Ibá* da *Cabocla Mariana*.

Seu Boiadeiro mais uma vez entra no *Barracão* e avisa: - *se vocês meus filhos, se quiserem ir na porta do Exu, podem ir lá bater cabeça ou ficar de joelho, bater palmas pra Exu. Pode pedir forças, pra Ele abri o caminho de vocês, pode ir lá.*

Um dos *Ogãs* está chamando *Seu Boiadeiro* para entregá-lo os *preparados* da *alimentação* da *Cabocla Mariana*. A *Entidade* volta para o *Altar* e reinicia o processo de *alimentação* do *Ibá*. Neste instante acaba de chegar ao *Terreiro* uma senhora carregando uma enorme sacola. Exausta ela fala:

Boa noite a todos! Pai Boiadeiro?

Ele: senhora?

Ela: posso ir aí com Senhor?

Ele: o que a senhora quer?

Ela: é que eu trouxe essas velas

Ele: quem pediu?

Ela: foi Mãe Mariana que me pediu.

Ele: pois então, depois a senhora vem aqui [no Altar] acender pra Ela [para a Cabocla Mariana] uma por uma.

A senhora entrou no *Barracão* e sentou ao nosso lado para esperar *Seu Boiadeiro* terminar de *alimentar* o *Ibá*. Depois de certo tempo *Seu Boiadeiro* entra no *Barracão* e convida a mim e a Telma para acompanhá-lo até a *casinha* do *Exu*.

Vêm cá vocês dois! Se tiverem com chave no bolso, cinto ou outro tipo de metal podem tirar, vou mostrar pra vocês a *Casa* do *Exu*. Tirem a sandália, entrem. Olha meus filhos isso aqui são as *obrigações* de hoje. *Eles* [os *Exus*] que abrem nossos caminhos, *Exus* e *Pombo Giras* são donos dos nossos caminhos, donos das estradas, é o principio meio e fim da vida. Olha ali quem tá *comendo*, é uma *Senhora* do *Edivanei Dona Onze*; essa outra aqui é a *Pomba Gira* Maria Padilha; aquele ali é o *Seu Maioral*, e do lado *Dele* é o *Seu Tranca Rua*. Meus filhos se fosse em outras *Casas* vocês não entrariam na *Casa* do *Exu*, mas como seu *Edivanei* tem confiança no seu *Anderson* e em vocês que buscam conhecimento, eu deixo entrarem. Então, algumas *coisas* vocês podem dizer “eu vi e presenciei”. Outras *coisas* não posso falar pra vocês, são *coisas* minhas com seu *Edivanei*. Entenderam? - Telma e eu respondemos ao mesmo tempo - Sim. Então é isso! Agora vamos terminar de dar *comida* pra *Mariana*, essa *Arara Cantadeira* é fogo! [Telma e eu rimos].

Seu Boiadeiro seguiu para o *Altar* da *Cabocla Mariana* para dar prosseguimento à *alimentação* da *Entidade*. Escuto *Seu Boiadeiro* falando - *Ê Mariana! Ê Cabocla!* Sons de palmas soam novamente. Os *filhos de santo* entoam uma sequência de *pontos* para saudar a *Cabocla Mariana*:

Lá fora tem dois navios
No meio tem dois faróis
É a esquadra da marinha
Brasileira Mariana lá na praia do Lençol...

Ela é Marinheira, Ela é Marinheira...
Ela é a formosa da marinha Brasileira.

Outro *ponto* é então iniciado pelos *filhos*,

No rio Negro os mururus viraram flores
 Na mata virgem, o sabiá cantou.
 Ela é a Cabocla Mariana
 A bela turca que aqui raíou

Seu Sultão puxa o próximo ponto:

Olé, olé, olá é Mãe Marina no Conga
 Ela subiu o morro ela desceu ladeira,
 Ela subiu o morro ela desceu ladeira
 Ela é filha do turco, uma Arara Cantadeira.

Finalizando a alimentação do *Ibá*, seu Boiadeiro faz o seu pedido - *Ô Dona Turca!*

Receba esse legado, receba esse Axé! Em seguida entoa o ponto.

O sino da Turquia já bateu,
 O sino da Turquia já bateu
 Bateu!
 Amanheceu!
 E a Bela turca apareceu!

Seu Boiadeiro assentando o Ibá no Altar puxa mais um ponto:

É Ela a donzela da Turquia,
 Rainha da esquadra Brasileira
 É Mariana, ela é guerreira, ela é faceira.
 Assentou praça, mas não foi pelo dinheiro
 Foi pelo amor da farda da marinha Brasileira
 No seu navio ela viaja norte a sul
 Olho para o céu e vejo o cruzeiro do sul

Tudo indica que o *Orô* da *Cabocla Mariana* já está próximo do fim. *Seu Boiadeiro* começa a fazer as últimas saudações à *Entidade*. Subitamente, Luiz faz uma interrupção:

Seu boiadeiro ainda falta alimentar os caboclos da mata, era pra Eles comerem antes da Mãe Mariana.

Seu Boiadeiro: o que? Só agora que o senhor me fala! *Ogã*n por que vocês não me falaram? Eu to fazendo o que me disseram! Depois vocês vão se resolver com a Dona Marina. Pega a comida! e borá alimentar logo o pessoal da mata!

Os *Ogãs* foram buscar o alimento dos *Caboclos da mata*. Seu Boiadeiro preparou a comida e em seguida saudou as *Entidades*:

Seu Rompe Mato quando vem na aldeia
 Ele traz na cinta uma cobra coral
 Mas ele é uma cobra coral
 Seu Rompe Mato quando vem na aldeia
 Ele traz na cinta uma cobra coral

Ao final do ponto *Seu Boiadeiro* fala:

Bom meus filhos agora terminou o *Orô* da Dona Mariana. Podem bater palma, pode pedir saúde, paz, prosperidades para vocês e seus entes queridos. Amanha é a festa da *Turca Cantadeira*, estão todos convidados, vão com Deus! Amanha Mariana vem falar com vocês.

Telma e eu nos despedimos de todos os presentes e saímos do *Barracão*. Na saída do Terreiro encontramos com Dona Cleide. - *Dona Cleide*, muito obrigado por deixar Telma eu

olhar o Orô. E ela me responde gentilmente: - *de nada meu filho, amanhã vocês vem né?* Eu respondi - *sim! Estaremos aqui.* Sai do Terreiro silenciosamente refletindo a respeito de tudo que eu tinha presenciado naquele dia.

Telma e eu acompanhamos esse ritual desde as 14:00h e saímos da *Casa* por volta das 22:00h, foi sem dúvida um dia de muitas informações e conhecimentos até então desconhecidos por nós. Tivemos a oportunidade de observar um dos momentos que de fato mantém o Terreiro “vivo” e compreender um pouco mais como se dão as relações dentro do grupo religioso. Foi possível perceber também, como os espaços sagrados do Terreiro são utilizados e a posição social que cada pessoa assume no grupo.

No próximo tópico apresento o motivo de todo esse trabalhoso e significativo ritual, a *festa* em homenagem a *Cabocla Mariana*. Toda essa grande força tarefa que se iniciou com o *toque* para *Exu*, seguida da reunião que pôs em pratica o *Orô*, culminou com a *festa*. Momento em que a *Casa* abre as portas para mostrar todo seu potencial de compromisso religioso. É a oportunidade de compartilhar com os outros grupos religiosos, clientes e público em geral, a confirmação de ser considerado do *santo*. É o momento do *Pai de Santo* se reafirmar como liderança religiosa perante o público, e se tudo ocorrer bem na *festa*, o público perceberá que a *Casa* esta em sintonia com as *entidades* cultuadas pelo *Pai de Santo* e seus *filhos*.

2.6 A FESTA: “CABOCLA MARIANA A BELA TURCA QUE AQUI RAIU”

26 de abril de 2014

Chego às 19 horas. O Terreiro está todo decorado com folhas verdes e flores de cor rosa e vermelha. Muitas velas brancas estão colocadas em diferentes pontos. Muitas mesas e cadeiras foram organizadas no espaço para acomodar os visitantes e convidados. Os *filhos* de *santo* da *Casa* e de outros terreiros que vieram prestigiar a *festa* estão quase todos *banhados* e terminando de se arrumar. O movimento dos *filhos* de *santo* é grande, e os convidados começam a chegar. As duas *filhas* de *santo* que estão sendo *iniciadas* na Religião pelo *Pai* Edivanei já estavam todas devidamente vestidas com as roupas adequadas para o ritual. Eu me aproximo delas: - *nossa! Vocês estão lindas, posso fazer uma foto de vocês?* - *Sim, mas depois eu quero uma cópia também* – *Claro que sim!* eu respondo.

O *Pai* Edivanei sai do *Barracão*, também já vestido com os trajes para a ocasião. Ele está usando um conjunto de calça, bata e um *ojá* de cor prata. Transpassadas no pescoço,

guias de cor vermelha e outras que alternam as cores em branco e vermelho. Ele começa a cumprimentar as pessoas que estão chegando. Vou a sua direção: - *benção Pai. - Mãe Mariana te abençoe. Cadê o resto do povo?* [se referindo às minhas colegas de pesquisa] respondo – *elas estão chegando. - Então tá meu filho, fica a vontade, logo a gente vai iniciar o batuque.*

Dona Cleide aparece vestindo uma saia de cor amarela com estampas de flores vermelhas e folhas verdes. A parte superior da roupa é azul claro com brilhos de cor prata e na cabeça usa um *ojá* branco. Ela está com sua filha no colo, a menina graciosamente veste uma “mini roupa” ritual confeccionada especialmente por Dona Cleide para este dia. As pessoas chegam perto da criança e comentam: - *mas, olha já! Parece uma baianinha!* Dona Cleide sempre muito carinhosa: - *Anderson vem cá! Tira uma foto bonita de mim com a Maria* [nome da criança]. - *Vai ficar! Vocês estão lindas. Né Maria?* [eu falando com a criança].

O Terreiro está bastante cheio. Algumas autoridades Afro-religiosas da Cidade também estão chegando para prestigiar a *festa*. Vendo todo esse movimento me apresso para entrar no *Barracão*, não quero perder o lugar que considero estratégico para acompanhar a *festa*. O interior do *Barracão*, como a parte externa, está harmoniosamente ornamentado. Galhos com folhas verdes contornam as laterais e portas de entrada; flores de papel vermelho, rosa e branco dão um colorido no ambiente. Os *atabaques* estão *vestidos* com laços de tecido azul. O piso do *Barracão* está coberto de folhas verdes, parecendo um belo tapete natural que exala um forte e perfumado cheiro de mato.

Os visitantes e convidados estão acomodados nas cadeiras de plástico esperando o início da *festa*. As autoridades Afro-religiosa estão sentadas em cadeiras forradas por tecidos vistosos e coloridos. Os *Ogãs* da *Casa* já estão nos *atabaques* e começam a executar os primeiros sons da noite. Seu Luiz entra no *Barracão* com um *defumador* na mão e vai *incensando* todos os espaços *Sagrados* do Terreiro. Começo a ouvir o chacoalhado do *adjá* de três bocas, e as vozes do *Pai* e dos *filhos de santo* que entram no *Barracão entoando*.

Bate a cabeça filhos de Umbanda
Bate a cabeça filhos de fé
Pra você que é filho de pomba
Pra você que é filho de fé
Vamos, bate a sua cabeça
E peça a Deus o que quiser

O *ponto* acima indica a abertura dos *trabalhos* da *Casa*. O *Pai de Santo* atravessa o *Barracão* chacoalhando o *adjá*, e como o *cântico* sugeriu, ele vai até a porta de entrada do *Barracão* e *bate* levemente a cabeça no batente da porta; em seguida toca com a mão direita na *quartinha* que está no meio do salão e a leva à cabeça. Enfileirados, todos que estão

participando da *gira* fazem o mesmo. Após essa ação o *Pai de Santo* entoa os *pontos* para *chamar os Caboclos*.

Quebre as correntes vamos trabalhar
Para vê a força que o banzeiro dá
Balance o mar meu Pai balance o mar
Para vê a força que a maresia dá

O *Pai de Santo* e os *filhos* formam um círculo, e vão girando em sentido anti-horário dançando e cantando. Os *Ogãs* tocam os tambores em ritmo acelerado que parece contagiar ainda mais os dançantes da *gira*. Os Gritos de saudações vão surgindo como - *Ê Caboclo!* Outro ponto é *entoado* (Imagem 20).

Atravessei o mar a nado
Em cima de dois barris
Foi só pra ver a juremeira
E os Caboclos do Brasil
Mata virgem, mata real
Ê, ê, ê mata real

Imagem 20 - Início da Gira.



Fonte: Autor (2014).

As saudações vão se intensificando: - *Ê Caboclo! Ê Caboclo! Ê Caboclo!* O som dos *atabaques* contagia os religiosos e a todos nós que estamos na audiência. Mais uma sequência de *pontos* é cantado para *chamar os Caboclos*.

Mamãezinha eu caio eu caio, eu caio no meio do mar
Dai-me força na corrente o mamãezinha
Pra vencer guerra no mar...

Foi céu e mar, o povo do mar balanceia
Foi céu e mar, o povo do mar balanceia...

É dá maré, é da maré, é dá maré
Ô Vai Chamar o Caboclinho da maré...

Após esses *pontos*, o *Pai de Santo* parou de chacoalhar o *adjá* e o entregou nas mãos da Dona Cleide dizendo – *A Senhora pega o adjá e dá continuidade no chacoalhado*. O *Pai de Santo* agora com as mãos livres começa a dançar mais concentrado. Ele inicia movimentos corporais coreografados e cadenciados ao ritmo dos atabaques. O *Pai de Santo* mostra-se contagiado pelo som dos instrumentos musicais. Os *Ogãs* cantam forte.

É todo dia! É toda hora!
Quando eu te chamo Meu Caboclo
É hora! É hora!

O *Pai Edivanei* continua na *gira*, mas agora seus movimentos estão ficando mais lentos, e seu andar é cambaleado. Os *filhos* gritam intensamente - *Ê Caboclo! Ê Caboclo!* Todos no *Barracão* batem palmas ao ritmo dos atabaques. O *Pai de Santo* para de dançar por alguns instantes e começa a tirar as *guias* do pescoço entregando-as a Dona Cleide. A *gira* continua. Os *filhos de santo* vão *baiando* em círculos. Mais gritos entusiasmados ecoam - *Ê Caboclo! Ê Caboclo!* Outro *toque* é *puxado* pelos *Ogãs*.

Tumba ê ê ê, caboclo. Tumba lá e cá
Tumba ê ê ê, guerreiro. Tumba Lá e Cá
Tumba ê ê ê, caboclo. Tumba lá e cá
Não me deixe só...

O *Pai de Santo* silencia, mas os *filhos* continuam batendo palmas e dando continuidade aos cânticos. *Ê Caboclo! Ê Caboclo!* Os *filhos* vão simultaneamente gritando. O *Pai de Santo* vai para o centro da *gira* cambaleando. Ele abre os braços, parece estar procurando algo para se apoiar. As palmas e gritos dos *filhos* vão crescendo, os *Ogãs* intensificam as batidas dos atabaques. O *Pai Edivanei* aparenta não ter mais controle sobre o seu corpo, mostra sinais de tonturas. Ele passa a mão pela cabeça tirando o *ojá*. Seu corpo todo treme compulsivamente, começa a dar gritos como se estivesse sentido dores. Suas mãos vão aos joelhos, e o seu corpo se curva; fica nessa posição por alguns segundos. Em seguida ele ergue a cabeça e volta para a *gira*, mas agora ele dança alegremente e sua postura corporal não demonstra mais desequilíbrio. Com a mão na cintura e sorrindo bastante ele dá rodopios pelo salão, ginha o corpo em um bailado que parece agradar aos olhos dos convidados, pois todos batem palmas para a sua dança. Outros *filhos de Santo* também começam a cambalear. Parece que eles começaram a incorporar suas *entidades*. Saudações de - *Ê Caboclo!* vai se repetindo para cada *filho* que passa pelo mesmo processo de *incorporação*. Os *Ogãs* pararam de tocar e a *entidade* que agora incorporou no *Pai* se apresenta para todos:

Salve o senhor Jesus cristo!
Todos repetem: salve!

Entidade; salve todos os caboclos!
 Todos; salve!
 Entidade; salve essa gira!
 Todos; salve!

Em seguida Os *Ogãs*:

Chegou Mãe Mariana!
 É Ela a flor do dia!
 Mas, é Ela a pororoca!
 A donzela da Turquia!

Está claro que a anfitriã da *festa* acabara de chegar, a *Cabocla Mariana*. Falante e sorridente cumprimenta a todos com beijos e abraços. Os convidados e as autoridades afro-religiosas a cortejam e lhe dão presentes. A *Cabocla* fala: - *meus queridos fiquem a vontade eu vou só trocar de vestimenta e já volto pra gente brincar. Ela sai do Barracão e os Ogãs voltam a tocar para os Caboclos que estão baixando no Barracão. As palmas e saudações de - É Caboclo!* voltam a soar no salão. Nessa *festa*, os *Caboclos* que consigo identificar são: A *Cabocla Jurema*, *Dona Maria Légua*, *Seu José Tupinambá*, *Seu Sultão*, *Seu Marinheiro*, *Dona Maria Mineira* e *Seu Zé Mineiro*. Conforme as *Entidades* vão *assentando* nos seus *filhos*, os *Ogãs* tocam *pontos* específicos para cada uma delas. Os *Caboclos* cumprimentam todos os presentes e em seguida saem do *Barracão* para também trocarem de roupa.

Enquanto a *Cabocla Mariana* e as outras *Entidades* estão colocando as *vestimentas*, Dona Cleide entra no *Barracão* com uma bandeja de *água doce*, e vai oferecendo a bebida para todos os presentes. Nesse intervalo os *Ogãs* aproveitam também para tomar água e descansar um pouco os braços. Passam-se alguns minutos, os tocadores voltam a se posicionar nos *atabaques* e as pessoas começam a voltar para seus lugares. A *Cabocla Mariana* novamente entra no *Barracão*. Ela está vestida com a roupa que foi cuidadosamente confeccionada pelo seu Augusto e Dona Cleide. Todos os detalhes do vestido estão mais nítidos no corpo da *Cabocla*. A roupa ganhou destaque com a presença dos acessórios que a *Entidade* está usando, como brincos compridos em formato de ancoras, braceletes e anéis dourados e um colar de pedras de cor cobre. Para fechar a composição da *vestimenta*, a *Entidade* tem em suas mãos um leque azul que combina com as tonalidades do vestido. O tecido e as cores da roupa da *Cabocla* estão harmoniosamente combinando com a decoração da festa. Os outros *Caboclos* também já estão com as suas vestes adequadas à ocasião. *Eles* seguem a anfitriã da *Casa*, formando uma nova *gira*. Os *Ogãs* *puxam* um *ponto* especial para a *Cabocla Mariana* voltar a dançar:

Lá fora tem dois navios
 No meio tem dois faróis
 É a esquadra da marinha
 Brasileira Mariana lá na praia do Lençol

Imagem 21 - Cabocla Mariana Baiando.



Fonte: Autor, 2014.

E seguem tocando para a *Entidade*:

No rio Negro
Os mururês
Viraram flores
Na mata virgem
O rouxinol cantou
É ela a Cabocla Mariana
A bela turca
Que aqui raiou

A *Cabocla Mariana* baia pelo salão ao ritmo dos *atabaques* (Imagem 21). Ela executa uma coreografia alegre com muitos gingados e rodopios. Em alguns momentos, a *Princesa Turca* levanta os braços e logo em seguida curva o corpo fazendo reverências aos outros *Caboclos* que a estão acompanhando no bailado. Como uma *princesa* carismática e com a fama de boa anfitriã, a *Cabocla Mariana* cumprimenta todos os visitantes e convidados que estão prestigiando sua *festa*. Ela vem em minha direção e inicia a conversa:

Seu Anderson! Como vai o senhor?
Está tudo bem Mãe! A festa está linda, e essa roupa ficou linda na senhora!
Agradecida! A festa tá linda, mas essa vestimenta eu não gostei!
Por que Mãe? Está tão linda!
Meu filho. Não sei o que deu no Edivanei, ele só pode tá lé-lé da cuca pra ele mandar fazer essa vestimenta. Eu estou praticamente nua, olha só isso aqui, os braços todo do lado de fora. É a primeira vez que seu Edivanei me veste assim. Não gostei!
Mãe a senhora está uma princesa! Está linda!
Seu Anderson vem vê meu Altar, pega a sua careteira e tira uma foto minha lá.

Eu acompanho a *Cabocla* até o seu *Altar*, para fazer as fotografias que me pediu:

Seu Anderson, o Edivanei tem conversado com o senhor das coisas do seu estudo?
 Tem sim mãe.
 Pois é meu filho, até que seu Edivanei trabalha direitinho, apesar dele ter cabeça dura, mas até que ele aprendeu o que eu ensinei.
 Seu Anderson aqui tá tudo o que faz parte da minha linha e da minha doutrina. O Otá dos caboclos da mata, os assentamentos e a minha Ibá. Mas depois tu fala com seu Edivanei que ele te fala melhor.
 Tá certo, Obrigado Mãe.
 Ela responde me repreendendo: “o brigado”? Quem quer brigar? Diga “agradecido”.
 Eu dou uma risada e depois falo: Certo mãe, fico agradecido.

Nossa conversa termina com a chegada do *Caboclo Seu marinheiro* que se aproxima de nós e fala - *dá licença Dona Senhora cantadeira. Cabocla Mariana* responde: - *Ô! Seu Marinheiro. Esteja à vontade.* Seu Marinheiro prossegue: - *me de uma permissão pra prostrar pra senhora e pro seu Altar, que tá bonito! - pois fale.* Responde a *Cabocla*. Então *Seu Marinheiro* começa a declamar alguns versos:

Avisa que o céu clareou
 Minha Cabocla ilumina
 Ilumina este congá
 Ela é a beleza que contagia
 Você irradia paz, amor e alegria
 De longe eu vi sua bandeira
 Tu eis a minha estrela vespertina
 Sempre brilhante na lua cheia

Após escutar a poesia, a *Cabocla Mariana* dá uma escandalosa gargalhada. Ela abraça o *Seu Marinheiro* e agradece os versos declamados. Dona Cleide se aproxima de nós e pede a permissão da anfitriã da festa para servir o jantar. A *Cabocla* então responde que o *babuje* já pode ser servido.

Do lado de fora do *Barracão*, as pessoas estão nas mesas esperando o jantar ser servido. Dona Cleide, com a ajuda de outras *filhas de Santo*, termina de arrumar a mesa com os últimos pratos do jantar. Em seguida ela anuncia para todos: - *O jantar está servido!*

As pessoas formam fila e vão se servindo das iguarias expostas na enorme mesa de jantar. No banquete está servido o vatapá, carne de coelho, frango guisado, costeletas de carne bovina, arroz branco e farofa, além da iguaria mais apreciada, *maniçoba*. A *Cabocla Mariana* está indo de mesa em mesa perguntando aos convidados se estão bem servidos e se estão gostando do cardápio servido.

Com extrema elegância, a *Cabocla Mariana* caminha pelo Terreiro com uma taça de *pumosa* na mão; volta e meia solta uma gargalhada, conversa e conta piadas para os convidados. Alguns *Caboclos* também caminham pelo Terreiro, *Eles* aproveitam a oportunidade para conversar e tirar brincadeiras com as pessoas. Outros *Caboclos* continuam

no *Barracão* cantado e *baiando*, e os *Ogãs* para conter o cansaço vão se revezando nos *toques* dos atabaques.

No meu relógio já passa de uma hora da manhã. Termino de jantar e começo a me organizar para ir embora. Dona Cleide vem em minha direção e me oferece uma *pumosa*, ela me fala que foi a *Cabocla Mariana* que mandou me servir a bebida, eu agradeço e aceito a oferta. Eu não poderia recusar, seria uma ofensa à *entidade*. Segundo os relatos das pessoas que conhecem a religião, quando uma *Entidade* oferece algo a alguém é porque *viu* alguma *coisa* sobre esta pessoa. Então, na tentativa de limpar ou protegê-la de algum “perigo” físico ou espiritual, a *Entidade* oferece algo para afastar prováveis infortúnios.

Tomei toda a *pumosa* e acreditei que depois disso já poderia sair. Me levantei da mesa e comecei a me despedir das pessoas e de alguns *Caboclos* com quem tenho mais afinidade. Vou em direção à anfitriã da *feita*, *Ela* está sentada conversando com algumas autoridades e sacerdotes afro-religiosos. Aproximo-me e peço licença dizendo que já estou indo embora, pois no outro dia teria que levantar cedo e não poderia ficar mais. A *Entidade* me interrompe dizendo: - *não senhor seu Anderson! O senhor vai ficar mais um pouquinho, senta aí e toma mais uma pumosa comigo. Dona Cleide! Traz mais uma pumosa pro seu Anderson.* Para não contrariar o pedido feito pela *Entidade*, eu sento do seu lado e vou tomando a *pumosa* na sua taça.

A *Cabocla* retoma a conversa com as pessoas e eu permaneço em silêncio ao seu lado, apenas observando e escutando. No decorrer da conversa a *Entidade* começa a fazer revelações para certas pessoas, dá conselhos e ensina remédios. Esse fato vai se repetindo em vários momentos ao longo da conversa. Após certo tempo, peço licença para a *Cabocla Mariana* para ir ao banheiro. A *Cabocla* me libera, mas fala: - *ainda não vai seu Anderson.* Eu respondo - *não vou não mãe.* Ao sair do banheiro, eu não volto para a mesa onde está a *Cabocla*. *Ela* continua revelando assuntos particulares para aquelas pessoas que estão em sua mesa, e para não deixá-las constrangidas com a minha presença no momento das revelações, resolvi voltar ao *Barracão*.

Imagem 22 - Ogãs tocando para os caboclos.



Fonte: Autor (2014).

No *Barracão*, alguns *Caboclos* já tinham *subido* e outros ainda estavam cantando para *subir*. Aproveito o momento para fazer mais algumas fotos do *Altar da Cabocla Mariana*, mas só consigo fazer duas fotos, a bateria da máquina descarregou. Percebo que os visitantes e os convidados já estão indo embora também. Eu volto para o *Barracão* e vejo a *Cabocla Jurema* cantando para *subir*. Gentilmente *Ela* começa a se despedir das poucas pessoas que ainda estão no salão. Os *Ogãs* executam o *toque* de despedida e a *Cabocla Jurema* inicia o processo de *subida* (Imagem 22). O corpo do *filho* da *Entidade* começa a cambalear e a tremer por inteiro, uma *filha* de *santo* que não *recebe santo*, faz a assistência e não deixa o *filho de santo* cair no chão. A assistente chama pelo nome do *filho* e sopra nas mãos dele. Esses gestos parecem ter a função de “trazer” a pessoa ao estado de controle do seu próprio corpo. Ela fala - *Luiz! Luiz, tudo bem? Luiz?* O seu Luiz aparentando estar zonzinho, abre os olhos e aos poucos vai retomando a consciência e o controle dos seus movimentos.

Eu olho mais uma vez para o meu relógio e pontualmente marca três horas da manhã. Saio do *Barracão*. No *Terreiro* as mesas antes lotadas pelos convidados estão praticamente vazias. Vejo Dona Cleide organizando a cozinha e algumas *filhas* de *santo* da *Casa* lavando as louças. A *Cabocla Mariana* continua sentada conversando, mas agora estão com ela poucas pessoas. Vou em sua direção para me despedir, fisicamente estou exausto. Aproximo-me da

Cabocla e falo: - *Mãe Mariana já estou indo. Ela responde - tá bom seu Anderson. O senhor gostou da nossa gira.* Eu respondo - *Sim Mãe. Foi tudo muito bom.* A *Entidade* se levanta e pede para eu acompanhá-la até o seu *Altar*. Em frente ao *Altar* *Ela* me fala:

Meu filho vá com Deus e Cristo, com toda a providência divina. Quero vê o senhor bem sucedido, bem lá em cima. Quando terminar a sua escola muita coisa boa vai acontecer. Um dia lá na frente eu vou falar para as pessoas, olha! Tá vendo esse menino, ele é meu orgulho, eu vou está orgulhosa e satisfeita, de eu ter feito parte da sua vitória.

Ao fim dessas palavras a *Cabocla Mariana* me deu um abraço, e eu demonstrando respeito e reverência lhe beijo as mãos. Em seguida a *Entidade* retornou para a mesa onde ainda estavam duas pessoas esperando por *Ela* para conversar. Na saída do Terreiro eu encontro com o seu Luiz com um prato de comida na mão. Rapidamente falo com ele - *agora que deu para você jantar?* Ele responde - *só agora mano.* Despeço-me dele, e sigo para minha casa.

Ate aqui venho descrevendo e identificando não apenas a gênese lógica do que seria a religião praticada no Terreiro de Mina Santa Bárbara, mas parte dos passos de seu desenvolvimento, para compreender os elementos constitutivos das relações vivenciadas pelo grupo.

No próximo tópico proponho entender a noção do sagrado na perspectiva do *Pai de Santo*, *filhos* e clientes que frequentam a *Casa*, mostrando que se trata de um fenômeno, também social – social em sua gênese, social em suas funções e social no que toca a continuidade da existência do próprio grupo (CRUZ, 2014).

Segundo Durkheim (2009) é o sagrado que define a religião, e não a religião que define o sagrado, ou seja, toda religião possui um sistema de crenças que ordena o mundo a partir de sua visão sobre o que é sagrado, e segundo o autor, só teremos condições de ter uma visão mais correta das principais dimensões implicadas nessa ideia, quando se perceber que o sagrado seria mais uma maneira de classificar o mundo correspondente à percepção de uma realidade pertencente ao grupo. Nesse contexto, apresentarei alguns indicadores dos sentidos do sagrado, na perspectiva da realidade que subjaz ao grupo religioso que apresentei.

CAPÍTULO 3: “MÃE MARIANA PEDE, A GENTE FAZ”



Fonte: Autor (2014).

Meu filho, essas coisas vai depender muito da vontade do Santo, tento ordenar as coisas da maneira como Ela vai me dizendo. Cada coisa tem o seu lugar e sua importância para com a religião e principalmente com seus filhos, tudo tem que tá em ordem, pra depois não haver confusão. Mãe Mariana pede, a gente faz.

(Pai Edivanei de Oyá, revelando a importância de obedecer e organizar o *Altar* de acordo com a vontade da *entidade*. Santarém, PA. 2012).

“Coisas”, “ordem” e “confusão” palavras que surgem na fala do *Pai de Santo* quando procura explicar a importância de “organizar” e colocar em “equilíbrio” os espaços sagrados do seu Terreiro. São termos que se expressam através do simbólico, do objeto que materializa o espiritual, da linguagem dos rituais que estabelece um sistema relacional que define a cosmovisão e a postura do sacerdote e dos seus *filhos de santo*. Determinando o modo de sentir, viver e agir nesse espaço socialmente habitado por homens, objetos e entidades espirituais. (MOURÃO, 2012).

Para compreender essas noções que constituem os sentidos do sagrado e das relações tecidas pelo grupo religioso, de maneira bem sucinta, indico quatro noções importantes, são elas: *Energia Vital*, os *sentidos do Belo*, a função dos *objetos* e *elementos* sagrados, e os *sentidos dos sentimentos e sensações* expressados por aqueles que vivenciam a religião no Terreiro de Mina Santa Bárbara.

a) Energia Vital

As práticas na religião Afro-brasileira e os usos de seus elementos compõem uma afirmação de que existe uma energia chamada “ser-vital”, pelo fato dos *objetos* e *elementos* emitirem uma energia cativa disponibilizada para ser usada por todo grupo (CRUZ, 2014). Para o *Pai* Edivanei de Oyá as formas dos *objetos* presentes nos espaços considerados sagrados não são apenas a aparência sensível do conteúdo, ela se torna o próprio conteúdo. O objeto materializa o imaterial. Esta energia emanada dos objetos estimula a atividade, aumenta a vitalidade, eleva o indivíduo acima de si mesmo, o sustenta e o reconforta. Segundo Durkheim,

[...] é preciso que desse próprio objeto emanem energias superiores àquelas de que dispomos e, mais do que isso, que exista algum meio de fazê-las penetrar em nós, misturando-se com nossa vida interior. Ora, para tanto, não é suficiente que pensemos, é preciso que nos coloquemos em sua esfera de ação, que estejamos numa posição que permita sentir essa influencia: resumindo, é preciso que ajamos e que repitamos os atos que são necessários todas as vezes que desejarmos renovar seus efeitos. [...] (DURKHEIM, 1996, p, 395).

No Terreiro de Mina Santa Bárbara, os efeitos que emanam da “energia vital” se renovam pelas experiências rituais, como por exemplo, o ritual de *alimentação* do *Altar* da *Cabocla Mariana*, que apresentei no tópico 2.5 *Oró da Cabocla Mariana*, é uma experiência que atualiza e renova essas energias. Segundo Cruz (2014), esse alimento sacralizado pelo ritual não só fortalece a entidade, mas também, o próprio religioso - renovam-se as energias de ambos.

De forma resumida, a Figura 5 abaixo mostra os sentidos dessa energia acionados no Terreiro.

Figura 5 - Ciclo das energias.



Fonte: Autor (2014).

b) O Belo

É associado às noções de bem, verdadeiro e perfeito. Nesse caso, o *belo* representa sentimentos, intuições, é a expressão do sentimento do *filho de santo*. Uma estátua, por exemplo, será bela por suas linhas, volume e dimensões, se também for verdadeira para os fins específicos, por sua natureza ontológica e boa, nesse caso, se ela servir aos propósitos de sua função (MOURÃO, 2012). O objeto deve expressar a tradição ancestral, ligar o passado ao presente.

No *Altar da Cabocla Mariana* as composições dos objetos são organizadas de acordo com as exigências da *entidade*, assunto que apresentei no tópico 2.4 *Reunião da Cabocla Mariana com os Filhos da Casa*. Para isso, o *Pai de Santo* precisou interiorizar uma série de objetos e elementos, além das alimentares, visando atualizar e manter a partir do processo ritual, materializar a entidade no *Altar*. Essa materialidade cria “sensibilidades” no *Pai* e *filhos de santo* que vão dando sentidos a organização do espaço considerado *belo* e *sagrado* (CRUZ, 2014). Esquemáticamente a Figura 6 tenta demonstra os sentidos do *Belo* compreendidos pelos religiosos da *Casa*.

Figura 6 - Sentidos do Belo.



Sentidos do Belo

1. Quartinha: um dos recipientes dos elementos sagrados; **2. Cabocla Herondina:** um das irmãs encantadas da Cabocla Mariana; **3. Seu Ubirajara:** umas das entidades pertencentes a linha da Cabocla Mariana; **4. Ogum Rompe Mato:** entidade pertencente a uma das sete linhas da Umbanda; **5. Estatueta da Cabocla Mariana:** representação imagética da entidade; **6. Ibá da Cabocla Mariana:** objeto sagrado correspondente a própria entidade materializada; **7. Altar da Cabocla Mariana:** espaço sagrado organizado pelo Pai de Santo de acordo com as orientações da entidade.

Fonte: Autor (2014).

c) A função dos Objetos e Elementos

Mãe Mariana é o Caminho da esperança, da paz, e harmonia. Mãe da esperança, que nos conduz nos caminhos difíceis da vida terrena, *Ela* nos dá as palavras certas, o conselho certo. Mãe Mariana só quer o nosso bem. *Ela* cuida de pessoas que médicos já disseram que não tinha jeito, mas que na presença da Mãe Mariana encontraram a cura e estão perfeitamente bem, e eu tenho prova disso. (Pai de Santo, revelando a importância de C. Mariana. Santarém, PA. 2012).

Para o Pai Edivanei e seus filhos de santo, o que compõe o Altar não são apenas “objetos” de contemplação estética, mas sempre uma força que desencadeia comportamentos, sentimentos e sensações. Essa sensibilidade dada ao Pai de Santo flui do seu contato com a

entidade que vai se apurando à medida que se identifica e compreende o verdadeiro sentido dos *Elementos e Objetos* para as práticas ritualísticas (MOURÃO, 2012). Nesse caso o *Pai de Santo*, possui um talento vital concedido pela *entidade*.

Esse *talento vital*, segundo Cruz (2014) são também formas de sociabilidade, que garantem a continuidade da presença dessas entidades presentes nas relações sociais entre os *filhos de santo* da *Casa* com o *Pai de Santo*; e o *Pai de Santo* com os clientes. Pois, é através desse *talento* concedido pela *entidade* que se dinamizam as relações. Ainda segundo Cruz (2014), quando se trata das prestações rituais, as entidades

[...] são uma das contrapartes das relações mútuas com as *peessoas*, que se fortalecem conforme atendem ritualmente seus espíritos, oferecendo-lhes os serviços nos altares; mas os *mistérios* [em minha pesquisa chamo de entidade] se tornam ainda os intermediários a quem os meus interlocutores dominicanos [em minha pesquisa é Pai de Santo] recorrem quando os clientes entram em cena. É ativando-os que as *peessoas* pretendem satisfazer os desejos e/ou solucionar os problemas daqueles que as procuram (CRUZ, 2014, p. 88). (grifos meus em colchete).

Assim, servir a uma entidade é também uma forma de conectar-se a ela. Ou seja, atender a entidade permite a criação de fluxos de troca contínua entre o religioso e a sua entidade. É essa atenção ritual, que para Cruz (2014), garante o “dom” que o religioso possui, onde o religioso em retribuição atende ao pedido da entidade afirmando seus laços espirituais perante aos objetos sagrados. E de acordo com Cruz,

Dar substância aos mistérios [espíritos] configura-se assim como uma forma de reciprocidade. É no decorrer da colocação dos serviços [ou obrigações] que os espíritos se fortalecem. É atualizando esse compromisso ritual [...] que as pessoas [no meu trabalho, o Pai de Santo] e espíritos se potencializam. Nessas trocas, ambos vão adquirindo um fortalecimento mútuo. Seres humanos e espíritos se tornam indissociáveis [...]. (CRUZ, 2014, p. 86). (Grifos meus em colchetes).

Nesse contexto, a Figura 7 a seguir resumidamente apresenta algumas funções dos objetos e elementos sagrados presentes no Terreiro.

Figura 7 - Funcionalidades dos Objetos e elementos sagrados.



Funções dos objetos e elementos

1. Filho de santo fazendo pedidos ou agradecendo a entidade pelas graças alcançadas; 2. Pai e Filho de Santo preparando a alimentação a serem oferecidas as entidades; 3. Alimentos assentados a cada entidade prontos para serem consumidos; 4. Imagéticas das entidades pertencentes a linha da Cabocla Mariana; 5. Ibá da Cabocla Mariana energizada e alimentada. De acordo com a figura os objetos e elementos funcionam como os mediadores e produtores das energias e bons fluidos que mantem o equilíbrio social e espiritual do grupo religioso.

Fonte: Autor (2014)

d) Sentimentos e sensações

Diga minha não! Diga nossa Casa! Meu filho isso daqui foi eu que mandei construir pra mim? Não! Tudo que fiz aqui foi pra chegar nesse bem, de fazer as pessoas, chegar aqui e se sentisse bem, se sentir em paz, sentirem harmonia, no corpo na mente e na alma. Por que meu filho o que adianta ter uma casa de santo, que quando as pessoas chegam a ir procurar é porque elas já estão abarrotadas de problemas sufocadas sem saber pra onde recorrer, e quando chega numa casa não vai ser bem acolhida? Pra que ter Casa de santo então né? Seu Edivanei pode estar com mil e um problema, mas ninguém vê aqui seu Edivanei brigando, vê seu Edivanei esculhambando, não vê seu Edivanaie xigando e nem se maldizendo. As pessoas vêm aqui na casa do seu Edivanei e depois saem falando, “poxa a gente chega na casa do seu Edivanei cheio de problemas, cheia de reclamações, mas depois que a gente sai daqui... sai tão bem, tão sereno, tranquilo” [...]. (trecho da fala da Cabocla Mariana, relatando como algumas pessoas expressam suas sensações quando estão na sua Casa, Santarém, PA. 2014).

Teve um dia que como esse, chegou aqui em minha Casa um moço lá de fora [outra cidade], um senhor juiz ele foi transferido pra dona Santarém [referindo-se a cidade] quando chegou de lá do Belemzeiro [referindo-se a cidade de Belém] disseram para

ele que tinha a casa do seu Edivanei, que ele podia ir, já que ele gostava dessas coisas né, [referindo-se a religião] e ele veio em um dia como esse, eu tava sentada... Assim, aí ele chegou: “boa noite”, aí todo mundo “boa noite”, “gostaria de falar com seu Edivanei que trabalha com a Dona mariana”, aí eu respondi “ta falando com ela e seu Edivanei eu estou em cima”. Ele se aproximou deu a benção, pedi que a deusa abençoasse e sentou em uma dessas cadeiras, deu umas horas aí ele falou, “mãe”, eu “sim!”- “Eu sou um juiz... meu tempo tá curto e gostaria de ser atendido”, eu falei – “o senhor é juiz? Aonde o senhor é juiz?” – “Aqui de Santarém”, eu disse - “o senhor é juiz lá! Na minha Casa quem manda sou eu”. Ele ficou calado né, esperando, não demorou muito eu atendi ele. Sabe seu Anderson, quando esse moço se aproximou de mim caiu no berreiro, chorou e mais chorou, aí ele falou, “hoje sim eu encontrei a minha mãe amada! que a muito tempo eu não via”. (Cabocla Mariana, me falando de alguns fatos que ocorrem em sua casa, Santarém, PA. 2014)

Olha vou te contar, não tenha um dia que eu venha no terreiro do seu Edivanei que eu não saia daqui aliviado. Sabe eu me sinto bem aqui, parece que eu consigo... Tem uma coisa que me fala, “vai lá no Edivanei, acendi uma vela que isso vai da certo”. Um dia eu vim aqui, eu tava com problemas, sem brincadeira, isso foi verdade, o Pai não tava aqui, mas quando eu me aproximei do Ibá, caramba! Me deu um frio que parece que me aliviou, *Ela* sabe quando agente tá ruim. (cliente da Casa me falando da Cabocla Mariana, Santarém, PA. 2014).

Acima estão presentes três trechos de falas para tentar mostrar como esses sentimentos e sensações são presentes no Terreiro de Mina Santa Bárbara. Considerei melhor apresenta-los dessa forma literal ao invés de simplesmente defini-las, pois, acredito que a melhor maneira de explicitá-las é relatando essas experiências.

A primeira fala que transcrevi trata-se da própria *Cabocla Mariana* relatando um dos vários momentos de como as pessoas ao chegarem à sua Casa demonstram seus sentimentos. A *Cabocla* relata que tenta proporcionar as pessoas energias para elas sentirem-se tranquilizadas. Esse sentimento é acionado logo no início do encontro da pessoa com a entidade, esse objetivo fica claro quando ela fala “*Diga nossa Casa!*”. Essa expressão, demonstra que a entidade quer transmitir para a pessoa que chega à sua *Casa* um sentimento de aconchego e segurança. Nesse ato fica claro também, o tipo de relação que é desenvolvida nesse espaço. Que nesse caso envolvendo a *entidade* e os *clientes* são relações marcadas pela cordialidade e pelo respeito.

Em relação a segunda fala, a *Cabocla Mariana* relata o sentimento de emoção que um juiz demonstrou ao encontrá-la. O que me chamou a atenção nessa cena foi justamente o fato da *entidade* mesmo repreendendo a postura do juiz, que queria ser atendido sem esperar por mais tempo, foi a explosão sentimental que ele demonstrou ao conseguir falar com *ela*.

Talvez a repreensão imposta pela *entidade* tenha despertado ou acionado o afeto que o juiz guardara pela *Cabocla* ao ponto dele exclamar, “*hoje sim eu encontrei a minha mãe amada!*”.

A última fala que apresentei é a de um cliente que vai ao terreiro do *Pai Edivanei* buscar ajudar para solucionar seus problemas, mas não encontra o religioso no momento. No entanto essa pessoa que afirma ouvir vozes - ouviu algo que a fez aproximar-se do *ibá* da *Cabocla*. Ao aproximar-se do *objeto sagrado*, o cliente sentiu frios no corpo todo e consequentemente o fez sentir-se aliviado dos problemas. Tal fato fez com que o cliente afirmasse que a *entidade* tinha lhe escutado. O cliente afirma que “*Ela [a entidade] sabe quando a gente tá ruim*”.

É nesse cenário, segundo Mourão (2012), que o sagrado é o outro extraordinário porque leva-nos a experimentar forças poderosas, promovendo um estado de grandes experiências e sensações, ou seja, faz com que se realizem coisas de que jamais se imaginou capaz de se realizar nos sentidos ordinários da sociedade. Nesse caso, o sagrado coincide com aquilo que é “extraordinário” e “extracotidiano” (MOURÃO, 2012).

Durkheim tenta apresentar uma explicação sobre esses sentimentos falando que:

A razão de ser da religião é a sua virtude “dinamogênica”²⁴, isto quer dizer que o que há de mais essencial nela é esse aumento de energia que ela provoca nos indivíduos, que é mais importante, inclusive, que sua função como instrumento de ordenação e explicação do mundo, como um sistema de representação. Tudo isso parece secundário diante daquilo que há de mais essencial na “experiência religiosa”, isto é, na realidade tal como ela é experimentada pelo crente, que sente como se ele fizesse parte de algo grandioso, sente-se fortalecido, nutrido, elevado pela experiência de sua fé. (DURKHEIM, 2007, p. 73).

Parte dessas experiências que nutrem e dão sentidos ao grupo religioso eu pude observar nos rituais e cerimônias que acompanhei no Terreiro de Mina Santa Bárbara. As cerimônias seguiram regras de comportamento, relações e acordos através das quais seus praticantes tiveram acesso à dimensão do sagrado. Pelas mãos especializadas do *Pai de Santo* e de seus *filhos*, por meios dos rituais uma supra realidade foi invocada a partir dos objetos e elementos (MOURÃO, 2012). Como demonstrei nos capítulos anteriores, principalmente no segundo capítulo, são materialidades especiais (GONÇALVES, 2007) que operam uma invocação de uma realidade que está além da nossa experiência comum.

²⁴ Segundo Durkheim, a principal característica da religião é a sua virtude “dinamogênica”. A ideia de dinamogenia fazia parte do vocabulário intelectual da França de fins do século XIX e começo do XX, tendo sido utilizada pela primeira vez (Miller, 2005), ao que tudo indica, pelo fisiologista Charles-Édouard Brown-Séquard, em seu livro *Recherches expérimentales et cliniques sur l'inhibition et la dynamogenia*, publicado no ano de 1882, tendo sido popularizada por Charles Ferré. Seu significado inicial se refere a uma ativação intensa de um órgão em virtude de uma excitação provocada por causas de qualquer natureza, e é este sentido, “dynamogénique”, definida como “aquilo que acrescenta energia, que estimula, que aumenta o tônus vital”. Mesmo tendo sido uma expressão cunhada num contexto da fisiologia, ela logo entrou no vocabulário da filosofia e das artes, tornando-se muitíssimo utilizada durante as primeiras duas décadas do século XX, o que talvez explique porque Durkheim tenha recorrido a ela para resumir processos descritos em seu livro, mas que eram designados por um termo que não estava tão na “moda”: o de “efervescência” (WEISS, 2013).

Por isso que podemos chamar de supra-realidade (GONÇALVES, 2007), como mostrei no tópico 2.5 *Orô da Cabocla Mariana*, os *objetos e elementos* manipulados ritualmente, materializam o sagrado. Essa materialidade assume um papel de re-ligação, ou melhor, se torna o *elo* entre a experiência do momento presente - o ordinário - com a supra-realidade - o extraordinário-.

MAIS PERGUNTAS QUE CONCLUSÕES

Meu filho, como diz Mãe Mariana, existem coisas que não é pra ser explicada [...] o tempo ensina [...].

(Pai Edivanei em uma conversa sobre a *Cabocla Mariana* enquanto tomávamos café de baixo da mangueira do seu Terreiro em um fim de tarde. Santarém, PA. 2013).

Assim como Yvonne Maggie (2001) e Sergio F. Ferretti (2009), tomei um Terreiro como unidade de análise. Esses autores não estavam interessados no “sincretismo” religioso, nem no “primitivismo” ou “fetichismo” da religião Afro-brasileira, mas sim, demonstraram o interesse em fazer um estudo etnográfico de um local de culto. Ambos os autores, em suas pesquisas, tiveram a preocupação de verificar no contexto das relações sociais, como um grupo de pessoas vivia numa determinada época, usando determinados rituais, símbolos e costumes. Essa, também foi a minha intenção com o presente estudo.

Amparado pelo o aporte bibliográfico e metodológico e das minhas observações em campo, boa parte da pesquisa que apresentei, baseou-se em análises sobre a cosmovisão religiosa do grupo social que observei.

No primeiro capítulo, apresentei o início da minha trajetória acadêmica e os encontros que me levaram aos estudos Afro-religiosos em Santarém. Procurei compreender as noções sobre *objetos* e *elementos sagrados* através das verbalizações e representações dos mitos e das práticas dos rituais vivenciadas pelo grupo religioso.

No segundo capítulo, através de um croqui descrevi os espaços físicos do Terreiro e seus sentidos para o *Pai de Santo*. Destaquei o *Altar*, lugar na *Casa* onde ocorreu grande parte dos rituais que deram sentidos às relações do grupo religioso com as materialidades sagradas. Na sequência apresentei os passos dos preparativos da *festa* em homenagem à *Cabocla Mariana* em quatro momentos: o *toque* para *Exu*; seguido da reunião da *entidade* com seus *filhos de santo*; o *Orô* da *Cabocla Mariana*; culminado com a *festa* final aberta ao público.

O preparativo da *festa* se iniciou com o *toque* para *Exu*. Pois, Segundo o *Pai de Santo* é o *Orixá* que abre os caminhos e agradando-o, primeiramente, é a garantia que tudo ocorra bem. No tópico seguinte, descrevi uma reunião do *Pai de Santo* com os *filhos* da *casa*. Nessa reunião a própria *Cabocla Mariana* assentou-se no *Pai de Santo* e ordenou os procedimentos necessários para a realização do ritual.

No tópico *Orô da Cabocla Mariana*, descrevi o ritual no qual o *Pai de Santo* e seus *filhos alimentaram* suas entidades e renovaram as energias espirituais. Foi um momento de

renovação e confirmação da materialidade do sagrado, que pelas práticas rituais os religiosos auto-afirmaram os elos com as suas *entidades*.

Finalizei esse capítulo apresentando a *festa* em homenagem a *Cabocla Mariana*. Momento em que a *Casa* abriu as portas para mostrar todo seu potencial de compromisso religioso. Essas descrições me ajudaram a compreender não apenas a gênese do que seria a religião praticada no Terreiro de Mina Santa Bárbara, mas também, entender os laços constitutivos das relações vivenciadas pelo grupo.

No terceiro capítulo propus-me entender a noção do sagrado na perspectiva do *Pai de Santo*, *filhos* e clientes que frequentam a *Casa*. Minhas observações me levaram a compreender a noção do sagrado como um fenômeno, também social – que dá sentidos a continuidade e existência do grupo. Nessa perspectiva as obras de Alline Cruz (2014) e Tadeu Mourão (2010) me ajudaram a compreender os sentidos do sagrado e sua materialidade.

A obra de Cruz (2014) foi a chave para eu compreender os sentidos de reciprocidade entre o religioso e sua entidade materializada no *ibá*. Os estudos de Mourão (2010) me deram pistas para eu compreender a transformação do objeto em sentido ordinário para a posição de *Objeto sagrado*. E de acordo com José R. Gonçalves (2007) são essas relações extraordinárias que dão sentido, ordenam e classificam o mundo à percepção da realidade pertencente ao grupo.

Dessa forma, a *Cabocla Mariana* e as diversas *entidades* pertencentes a sua *linha*, possuem uma representação imagética definida pelos *objetos* e *elementos* consagrados por seus devotos. Os sentidos do sagrado desses *objetos* nascem de um processo de elaboração coletiva de práticas: de crenças, afetos e habilidades técnicas desenvolvidas pelo sacerdote e seus *filhos*. Tais práticas, corretamente desenvolvidas em processos rituais, se conectam e resultam na materialização do sagrado. Assim, as *entidades* materializadas, passam a viver com os fiéis, ordenando os ambientes e assegurando o equilíbrio social e espiritual dos seus devotos.

Ainda não finalizando minhas considerações, peço licença para apresentar uma autora que não está explicitamente presente em meus estudos, mas que nesse momento me ajudará em minhas reflexões.

Ruth Landes autora do livro “*Cidade das Mulheres*” (2002), cuja abordagem é a vida das mulheres nos candomblés baianos da década de trinta, expressou em sua etnografia os

relatos do seu trabalho de campo mesclado com as suas idiossincrasias²⁵, ao passo que ela negocia em todo o texto com seus interlocutores. Dando lugar, assim, a polifonia, e considerando as interpretações dos *Pais e Mães de santo* como autores.

A etnografia de Landes (2002) é um bom exemplo que expressa o processo de inserção do antropólogo no campo. A emersão da sua subjetividade na relação sujeito/objeto que vai sendo tecida ao longo do trabalho de campo. Esse encontro etnográfico só se faz possível pela própria relação pesquisador/ interlocutores, do encontro do "eu" e do "outro", que tem como objetivo em última instância pensar quem somos, a nossa cultura, assim como a descoberta de si mesmo.

Enfim, emprestando as palavras de Ruth Landes (2002, p. 316) talvez "não há conclusões solenes que eu possa tirar das minhas observações". Mas acredito que caso eu encontrasse a resposta adequada para as minhas indagações talvez, nesse momento estaria frustrado, pois chegaria a conclusão que entender a cultura do "outro" seria fácil, bastaria bons métodos e pronto, tudo estaria resolvido. No entanto, a "mágica antropológica" é outra, o "poder sagrado" da ciência não dá conta dos mistérios das realidades, cabendo aos antropólogos então, utilizar a "fórmula mágica" que resultou dos "rituais acadêmicos": praticar reflexões.

Pois bem, minha pergunta nesse estudo foi, como são produzidas, sentidas e compreendidas as relações entre o *Pai de santo* do *Terreiro de Mina Santa Bárbara* com o *Altar* da sua *entidade*, a *Cabocla Mariana*? Em retrospectiva apresentei os possíveis caminhos que pudessem me levar às respostas. Mas felizmente, me perdi e me encontrei. Encontrei-me certo de que o "outro" nesse campo acabou sendo eu também - aplausos para James Clifford (*Writing Culture*, 1986) que já nos dizia que no mundo das relações sociais, as negociações são claramente postas. Negociações vivenciadas também por Ruth Landes em sua pesquisa (2002).

No campo que entrei, fui a todo o momento posicionado e as negociações se deram por vários âmbitos e motivos. Mas porque estou tocando nesse assunto sobre autoridade etnográfica nessa conclusão? Pois bem, a minha pergunta científica é formada por termos como "sentidas", "compreendidas", "materialidades do sagrado" e "perspectiva do religioso". Tudo bem até aí, parece ser uma simples pergunta de um aspirante pesquisador querendo entrar no "mundo" da antropologia. Mas o fato é: e quando esse aspirante também "sente" a

²⁵ 1. Particularidade comportamental própria de um indivíduo ou de um grupo de pessoas; 2. Maneira de agir específica de uma pessoa ou grupo; 3. Predisposição particular de um organismo para reagir de maneira individual a um estímulo ou agente externo.

pergunta que faz? E quando o aspirante “sente” as “emoções” da sua pergunta? E quando esse aspirante não só reflete sua pergunta, mas se envolve com ela? Ele deixa de ser pesquisador?

Para ficar mais claro o motivo dessas perguntas vou contar um pequeno fato ocorrido comigo. Certo dia, os pesquisadores do NPDAFRO foram convidados a prestigiar uma *feira* em homenagem a um *Orixá*. A *feira* foi realizada em um dos terreiros mapeados pelo projeto e nesse dia como de costume, fomos munidos das ferramentas necessárias para realizar um bom trabalho de campo. Levamos caderninho de anotações, gravadores, câmera fotográficas e filmadoras, em fim estávamos “vestidos” de antropólogos.

Passado horas do início da cerimônia, após muitos *toques*, palmas e danças, foi chegada a hora de cumprimentar a *entidade* homenageada. Eu estava apenas observando atentamente os movimentos dos *filhos de santo* da *casa* e dos convidados fazendo uma enorme fila para abraçar e beijar as mãos da *entidade*. Eu, para demonstrar certa interatividade com o grupo religioso, também, entrei na fila para reverenciar o *orixá* homenageado. No entanto, quando chegou a minha vez de abraçar a *entidade*, lembro apenas que senti uma *força* enorme sobre meus ombros, e essa *força* ao mesmo tempo em que me levou ao chão, fez-me sentir leve como se estivesse sido anestesiado. Sobre esse fato tenho apenas a lembrança do momento em que abracei a *entidade*, e depois da minha professora e de outras pessoas ligadas a religião que me ofereciam água e perguntavam se eu estava bem.

Eu não tenho as respostas para o que aconteceu e nem para as perguntas que lancei aqui, eu poderia nessa conclusão falar das várias perspectivas do religioso que apresentei para argumentar a pergunta norteadora desta pesquisa, no entanto preferi expor uma situação que aconteceu comigo, não só para discutir sobre autoridade no campo etnográfico, mas também expor que nossos “sentimentos”, “emoções” e “sensações” que facilmente acreditamos observar no “outro”, na verdade são reflexos do que estamos procurando no campo: entender o “outro”, para descobrir o “Eu”.

Por hora, espero que o que escrevi neste TCC possa ser criticado, ampliado e também repensado por outros estudiosos. Peço aos *Caboclos* e *Orixás* que vivem em Santarém - presentes em nossas ações, crenças e objetos - que sejam ainda mais benevolentes com o *Povo de Santo* desta terra, tão invisibilizados e mal compreendidos por nossos excessos de racionalidade e preconceitos.

GLOSSÁRIO

A

Axé: O Axé é remédio para o corpo e para a alma. É a força mágica sagrada, veiculada nas forças vivas da natureza. É o poder volitivo (vontade) do Orixá manifesto na energia nos reinos: mineral, vegetal, animal; em locais e nos vários elementos simbólicos. É um poder, um princípio que permite realizar, fazer crescer e desenvolver todos os seres e coisas. Como força é neutro, invisível, transmissível, extingüível (necessita ser reatualizado). O Axé é o responsável pelo equilíbrio, estabilidade e harmonia do ser humano. Proporciona: Saúde física e psíquica; Prosperidade – neutraliza a miséria; Equilíbrio afetivo-emocional ou estabilidade afetiva-sexual e paz interior. Tem sintonia com o *Ori* e deste com o *Olori* (Orixá dono da cabeça).

Altar: lugar que concentra os objetos, elementos, estatuetas e assentamentos referentes as entidades cultuadas pelo terreiro.

Arara Cantadeira: Várias maneiras de se referir a *Cabocla Mariana*, por ser falante e gostar de cantar.

Arriar: Termo referente ao ato de oferecer oferendas ou obrigações às entidades.

Assentados: Aterrar, fundamentar, enraizar, manter permanente ou por certo período.

Assentou-se: mesmo que incorporar.

Atabaques: Instrumento de percussão utilizado no ritual. Comumente chamado de tambor. Tambor maior tem o nome *Rum*; o médio, *Rumpi*; tambor menor, *Lé*.

Adjá de três bocas: Tipo de chocalho sagrado responsável por chamar as entidades.

Anáguas: Saia engomada que é usado por baixo das roupas rituais.

Amacerada: Ato de amassar e esfregar com as próprias mãos, folhas ou ervas com o intuito de gerar insumos para a fabricação dos banhos utilizados nos rituais.

Alguidares: Tipo de prato de barro muito utilizado como recipiente dos alimentos oferecidos nas oferendas ou obrigações.

Aruanda: Céu. O local onde vive as entidades e Orixás.

Alimentos quentes: Alimentos Cozidos. Levados ao fogo.

Alimentaram a entidade: Mesmo que fazer oferendas.

Azeite doce: Mesmo que azeite de oliva.

Água doce: Mesmo que suco ou refrigerantes.

Ajuremar: tornar-se índio

B

Baiar; Baiando: De origem do termo *baiar*, significa dançar ritualmente. Isso é uma prática muito comum nos cultos Afro-brasileiros que fazem uso de atabaques e tambores.

Barracão: Casa de culto. Mesmo que *Casa* ou *Terreiro*.

Bela turca: Referente à família de *encantados da Turquia*. Mesmo que *Cabocla Mariana*.

Baixar; baixando: termo que faz referência ao ato de *incorporação* das entidades em seus *filhos*.

Banheiro de ervas: Local do terreiro onde se toma o banho ritual para as limpezas espirituais.

Banho de descarrego: Banho de limpeza dos maus fluidos.

Banho de cheiro: Mesmo que banho de ervas.

Bichos de pena: Animais que tem penas. Galinha, patos, aves.

Bicho de caça: Animais selvagens. Não domesticados.

Babalaô: Pai de Santo, chefe espiritual, sacerdote do terreiro.

Bater cabeça: Ato cerimonial de reverência em frete de um *Altar*, entidades ou chefe espiritual.

Batuque: tocar o atabaque. Pode ser usado indicando a realização de um *toque*.

Babuje: Mesmo que comida. Jantar.

C

Cabocla Mariana: Mesmo que *Arara Cantadeira* e *Bela Turca*.

Casa: Mesmo que Terreiro.

Caboclo: Entidades que representam índios, ou *nobres encantados* que tiveram contato com os índios e se *ajuremaram*.

Candomblé: Religião Afro-brasileira que cultua os orixás. Preza por uma legitimação às práticas rituais ligadas à África.

Catiços: Pássaro. Pé de vento, caboclo, encantado dos Candomblés de caboclo e Umbanda.

Caboclos que eu carrego: Expressão para referir-se a entidade ao qual o médium recebe em estado de possessão.

Catimbó: Conjunto específico de atividades mágico-religiosas. Resultado da fusão entre rituais indígenas de pajelança, que foram agregados os conhecimentos de origem africana e indígena.

Ciganas: ligadas ao Exu, são entidades que aparecem na *linha* dos povos da rua. Quando estão em terra são extravagantes e irreverentes.

Casinha de Exu: Local do terreiro reservado para as imagens e oferendas a Exu, as Pombas Giras, e Ciganas cultuados pelo Pai de Santo.

Cortes: Termo usado para realizar os sacrifícios com animais.

Catadas: Mesmo que colidas. Ato de colher.

Conga: Mesmo que Altar.

Caboclos da mata: Entidades de Índios e ajuremados.

Cabocla Jurema; Dona Jurema: Entidade da Mata. Índia Guerreira.

Careteira: Termo que as entidades Caboclas usam para designar máquina fotográfica.

Cantando para subir: expressão referente ao momento em que os Ogãs cantam para a entidade deixar o corpo do médium.

D

Dona Mariana: Mesmo que Cabocla Marian.

Descida: Momento de possessão.

Dona Herondina: Umas das três irmãs encantadas da Cabocla Mariana.

Dona Jarina: Umas das três irmãs encantadas da Cabocla Mariana.

Demanda: Batalha, brigar. Luta.

Doutrinas cantadas: Cânticos rituais.

Dona Onze: entidade da linha de Exu.

Dona Légua: entidade da linha de Exu.

Dona Rosinha: Cabocla da Mina.

Dona Maria Légua: Cabocla da Mina.

Dona Maria Mineira: Cabocla da Mina

E

Entidade: Espírito, orixá, caboclo, figura sobre natural.

Encantados: Entidades que tiveram vida terrena, mas não podem ser confundidos com espíritos de mortos (*eguns*), e alguns deles pertencem a categorias não humanas.

Esquadra da encantada: expressão usada para designar os encantados.

Esquadra da encantada Cabocla Mariana: Encantados da *linha* da Cabocla Mariana.

Entidade Cabocla: Termo genérico para se referir as entidades que em vida terrena entraram em contato com brancos e índios.

Encantados nobres: Encantados que em terra foram reis, príncipes e princesas.

Elementos sagrados: Líquidos, pedrarias, infusões, consagradas em processos rituais.

Espíritos: usados aqui com entidades.

Egé: Mesmo que Sangue. Mesmo que *Ejé*.

Entoar: Mesmo que puxar, cantar.

Ervas fria: Ervas que não vão ao fogo. Não são fervidas.

Ervas quente: Ervas que vão ao fogo.

F

Festejo: Festa ritual.

Forças místicas: mesmo que energia sobrenatural.

Filhos iniciados: aprendiz às praticas da religião.

Família da Turquia: Mesmo de nobres encantados.

Fundamentos de iniciação: Aprendiz das leis da religião.

É mojubá!: Saudação para Exu: “Apresentando meu humilde respeito”; “Exu eu te saúdo” ou “Exu é Grande, te reverencio”.

Ela é odara: “Ela é paz e tranquilidade”.

Fundamentos: Leis da religião. A crença propriamente dita.

Ejé xororô Ejé unpá ô: Cantiga para ritual de sacrifício de “bicho de pena”. Ejé, mesmo que sangue. “O sangue que dá vida”.

Filho de Santo: Médiun. Filho de um Pai ou Mãe de Santo. Pertence a um terreiro.

Família de Santo: Laço de parentesco ritual ou religioso que une filhos de santo entre si ao Pai de santo ou Mãe de santo sem levar em consideração a consanguinidade.

G

Guia de caboclo: Colar feito de contas. Cada entidade tem sua cor específica.

Gira: Dias que tem toque, (“na minha casa a gira é dia de quarta-feira”).

H

Hê balu baxê: Saudação ao caboclo *Seu Sultão*.

I

Iansã: Orixá feminino, dona dos ventos e dos raios. Associada a santa Bárbara.

Índios: espíritos tuxauas.

Ibá: Objeto sagrado que em processo ritual materializa a entidade devotada.

Incorporar: Mesmo que possessão.

J

Jurema ou Juremeira: Entidades da mata. Cabocla da Mata, índia.

L

Legebara Pomba Gira Rosa: Entidade ligada ao Exu.

Linha de cura: Termo usado para designar à pertença da entidade que nesse caso está diretamente ligada as entidades com poderes de cura.

Linha da água salgada: Termo genérico para se referir na concepção cosmológica da religião o panteão espiritual que a entidade pertence. Nesse caso ao mar.

Líquidos: Infusões sagradas em processos rituais.

Linha indígena: Mesmo que juremeiros.

Linha de Ogum: Entidades pertencentes ao orixá Ogum. Ogum Beira mar, Ogum Iara, Ogum Megê, Ogum Rompe Mato.

Linha: Pertença das entidades. Origens.

M

Mediunidade: Pessoa que trabalha no santo, que entra em transe e controla o idioma de possessão. Pai de Santo, Mãe de Santo.

Mãe de santo: posto mais alto da hierarquia espiritual do terreiro.

Mãe de cabeça: entidade chefe da cabeça do filho de santo

Mestiços: Mesmo que Caboclo.

Maria Padilha: Pomba Gira. Entidade ligada a Exu.

Mina: Mesmo que Tambor de Mina. Religião afro-brasileira.

Maniçoba: Comida típica Paraense. Comida feita da folha da maniva. Em seu preparo leva os mesmos ingredientes da feijoada.

Mururus: pássaro cantador.

Médiuns: Termo genérico usado nas religiões Afro-brasileira para referir-se as pessoas que recebem por meio de incorporação as entidades, sendo este considerado o mediador entre o mundo espiritual e terreno.

N

Nobres encantados: Mesmo que Esquadra de encantados.

Objetos sagrados: Representações escultóricas consagradas por processos rituais.

Naruê: Tipo de entidade que trabalha na linha de guardião do terreiro.

O

- Oyá:** Iansã.
Obrigações: Oferendas.
Orixás: Divindade. Energias sobrenaturais.
Oferendas: Alimento ritual.
Ogum Rompe Mato: Entidade da linha de Ogum. Entidade valente da Mata.
Orô: Sistemático processo ritual de oferendas e sacrifícios dedicados às entidades.
Ójá: Peça de pano cuja função é proteger o Ori (cabeça).
Ogãs: Cargo honorífico. A pessoa que toca o atabaque.
Oxossi: Orixá da Mata, indígena, caçador.
Otá: Pedra de assentamento das divindades.
Ogunhê meu Pai!: Saudação ao Orixá Ogum

P

- Povo de santo ou Pessoa de santo:** Praticantes da religião Afro-brasileira.
Pai de cabeça: Mesmo que Mãe de Cabeça.
Princesa Encantada: Cabocla Mariana.
Portal da Encantaria Amazônica: Praia dos Lençóis (Maranhão). Local das Encantarias.
Pombas Giras: Feminino de Exu.
Povos da rua: Ligados a Exu.
Pedras: Elemento que passa a ser consagrado à uma entidade em processos rituais.
Penetras: Pessoa que vai ao lugar sem ser convidado.
Pemba: Pequeno bastão, geralmente cônico, de giz colorido misturado com cola, com que se riscam os pontos (conjunto de sinais mágicos) que identificam cada entidade, segundo um código de cores e formas.
Porteiras: Entradas, passagens (“passar para outro mundo”).
Pontos: Mesmo que toques, cânticos. Pontos cantados.
Pontos de saudação: Cantados no início dos rituais.
Pontos cantados: Mesmo que cânticos.

- Puxar o toque:** Mesmo que iniciar o cântico ritual.
Pitu: Mesmo que cigarro.
Pumosa: Mesmo que cerveja.
Pombajira Maria Mulambo: Entidade feminina ligada ao Exu.
Pombajira Cigana: Entidade feminina ligada ao Exu.
Pombajira Sete Rosas: Entidade feminina ligada ao Exu.
Preparos: Processo de fazer os alimentos rituais (“Preparar os banhos”).
Pataqueira: Planta que nasce às margens dos igarapés.
Preparados: Alimento, banhos, oferendas.

Q

- Quizilas:** Confusão, brigas, desavenças.
Quartinhas: recipiente de barro.
Quartiões: Recipiente de madeira

S

- Seu Zé Pelintra:** Entidade masculina ligada ao Exu. Malandro, vaidoso e namorador. Gosta da noite e de bebidas fortes.
Seu Rompe Mato: mesmo que Ogum Rompe Mato.
Seu Ubirajara: Caboclo Juremeiro. Índio.
Seu José Tupinambá: Caboclo Índio. Fala pouco, valente e conhecedor das ervas.
Seu Flecheiro: Caboclo da Linha de Oxóssi. Caçador.
Seu Pena Branca: Caboclo Índio.
Seu Pena Azul: Tipo de Caboclo índio.
Seu Pena Verde: Tipo de Caboclo índio.
Sete linhas da Umbanda: as sete doutrinas e liturgias da Umbanda (Linha de Oxalá; Linha de Iemanjá; Linha do Oriente; Linha de Oxóssi; Linha de Xangô; Linha de Ogum e Linha de Ifá). As Linhas se desdobram de acordo com cada Filho ou Pai de Santo.
Seu Urubatão: Uma das entidades masculinas que pertencem à esquadra da Cabocla Mariana.
Seu Araribóia: Entidade Indígena que se transforma em cobra.

Seu 7 Encruzilhadas: Um dos exus que guarda os caminhos e as setes encruzas (linha) da Umbanda.

Seu Jaguarí: Entidade Indígena que se transforma em uma onça.

Saravá!: Saudação da Umbanda.

Subir: Sair da possessão.

Seu Sultão: Uma das entidades nobres (masculina) que pertencem à esquadra da Cabocla Mariana.

Seu Marinheiro: Entidade masculina pertencente à linha das águas muito próximo a da Cabocla Mariana.

Seu Zé Mineiro: Caboclo (masculino) do tambor de mina. Valente, desbravador, contador de prosas. Gosta de beber vinho.

T

Trabalhado nos búzios: Referente a algo ou objeto decorado com búzios.

Tratada: Referente aos cuidados espirituais mediados pelo Pai ou Mãe de Santo.

Trabalho: Oferenda, feitiço. Pode definir as sessões rituais praticadas pelo médium.

Terecô: Uma das denominações usadas no Maranhão para o culto do Tambor de Mina.

Tambor de Mina: Nome dado no Maranhão aos cultos de origem africana.

Toques: Mesmo que cantigas.

Tranca Rua: Um dos exus que domina as encruzilhadas.

Tuxauas: Linha Indígena.

Talhas: Pratos de barro para serem usados em oferendas

U

Umbanda: Uma das religiões de possessão Afro-brasileira que combina elementos de origem africana, ameríndia, católica e oriental.

V

Voduns: Divindades que se agrupam em famílias cultuados no Tambor de Mina. Podem ser divindades velhas, jovens ou crianças considerados seres intercessores

entre Evovodum (Deus supremo) e as pessoas.

Virada para caboclo: Em processo de possessão. Recebendo a entidade.

Vela sete encruzilhadas: Velas oferecidas aos povos da rua.

X

Xangô: Orixá que representa o trovão e a tempestade. Considerado valente e justiceiro.

Xêtro Caboclo: Saudação a Caboclo Boiadeiro.

Xêtro Maro Ma Xetro: Saudação a Caboclo Boiadeiro.

Xôro-xôro: “Vem tomar o líquido sagrado”.

Z

Zelador: O que cuida do terreiro. Pai e Mãe de Santo.

REFERÊNCIAS

- ANASTÁCIO, Vanessa Lorena; MOREIRA, Vinícius André Diniz (Org.). **Orixás Caboclos e Encantados**. Rio de Janeiro: Fundação Palmares, 2014.
- ANDRADE, Rosane. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.
- BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- BEMERGUY, Telma. **Histórias dentro da História: os cultos afro-religiosos em Santarém Pará**. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA, 16., 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUH, 2014.
- CARDOSO de Oliveira, R. **O trabalho do antropólogo**. Brasília, DF: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- CLIFFORD, James. On Ethnographic Allegory. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (Ed.). **Writing Culture: The poetics and politics of ethnography**. Berkeley: University of California Press, 1986.
- CRUZ, Alline Torres Dias da. **Sobre dons, pessoas, espíritos e suas moradas**. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro, 2014.
- DURKHIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. O ensino da moral na escola primária. **Novos Estudos Cebrap**, n. 78, p. 61-75. 2007.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FERRETTI, Sergio. **Querebentan de Zomadonu: etnografia da Casa das Minas do Maranhão**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- FURUYA, Yoshiaki. **Entre a “nagoização” e a “umbandização”: uma síntese no culto mina nagô de Belém, Brasil**. Tóquio: Universidade de Tóquio, 1986.
- GEERTZ, Clifford. **El antropólogo como autor**. Barcelona: Paidós, 1989.
- GELL, A. **Art and Agency. An Anthropological Theory**, Oxford: Clarendon Press. 1999.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos, **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro, 2007.
- GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade,**

iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

LUCA, T. T. **Devaneios da memória**: A história dos cultos afro-brasileiros em Belém do Pará na versão do povo-de-santo. 1999. Monografia (Graduação). Curso de História. Universidade Federal do Pará. Belém, 1999.

MAGGIE, Yvonne. **Guerra de orixá**: um estudo de ritual e conflito. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné e Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MAUÉS, Raimundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas**: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo Antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém: Cejup, 1995.

MILLER, Willian W. Dynamogénique and élémentaire. **Durkheim Studies**, n. 11, p 18-32. 2010.

MOURA, Beatriz Martins. Os sentidos sociais do dinheiro no interior de uma loja de artigos afro-religiosos de Santarém-PA. In: JORNADA ACADÊMICA DA UFOPA: Integrando ensino, pesquisa e extensão na Amazônia, 2., 2013, Santarém, PA. **Anais...** Santarem: UFOPA, 2013.

MOURÃO, Tadeu. **Encruzilhadas da cultura**: imagens de Exu e Pombajira. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.

NOVAES, Sylvia. Olhares cruzados: Ensaio comparativo entre as abordagens fotográfica e etnográfica. In: SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro - Umbanda e Sociedade Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PEIRANO, Mariza G. S. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2002.

PEREIRA, Anderson Lucas da Costa; ROLIM, Karla Fernanda. **Marketing social no resgate da cidadania**: Um estudo de caso da Associação Ieshuá Período de 2009 a 2010. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) - Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA), Belém, 2010. 45f.

PINHEIRO, Robson. **Tambores de Angola**. São Paulo: Casa dos Espíritos, 2006.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

SALLES, V. Cachaça, pena e maracá. **Brasil Açucareiro**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 46-55. 1971.

SILVA, Marcel Franco da. **A água e seus significados no tambor de Mina do Pará:** Um estudo de caso no Terreiro de Mina Nagô de Xangô e José Tupinambá. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade do Estado do Pará, 2013. 162 f.

SHAPANAN, Francelino de. Entre Caboclos e encantados. In: PRANDI, Reginaldo (Org.). **Encantaria brasileira:** o livro dos mestres, caboclos, e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

TURNER, Victor. **O processo ritual:** estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 2005.

VERGOLINO E SILVA, A. A semana santa nos terreiros: um estudo do sincretismo religioso em Belém do Pará. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, ISER, v. 14, n. 3. 1987.

WEISS, Andrade Raquel. Efervescência, dinamogenia e a ontogênese social do sagrado. **Maná**, v. 19, n.1, p. 157-179, 2013.